

Carolina de Andrade Coutinho Pareto

Uma busca por significados: leitura de Sociodramas
Construtivistas com sobreviventes de catástrofes

Curso de Psicologia

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2011

Carolina de Andrade Coutinho Pareto

Uma busca por significados: leitura de Sociodramas
Construtivistas com sobreviventes de catástrofes

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para a graduação no curso de Psicologia,
sob orientação da Prof.^a Dr^a Ida Kublikowski

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2011

AGRADECIMENTOS

Eu não teria chegado até aqui se não tivesse compartilhado e vivenciado tantas experiências. A partir de cada relação, cada dúvida, cada olhar e a cada pessoa que cruzou o meu caminho, fui me construindo até que eu pudesse chegar a este trabalho, que representa a conclusão de um ciclo muito importante. Cada uma dessas experiências me permitiu sentir, criar, arriscar e começar a minha história de descoberta do mundo. Portanto, seria muito injusto não prestar minha singela, mas verdadeira, gratidão por cada um que se prestou para que eu pudesse me construir.

Primeiramente, agradeço as oportunidades e a força que a vida me deu para ter chegado onde estou e por ter sido capaz de concluir um trabalho que representa a finalização de um ciclo tão significativo na minha história.

Sou muito grata à minha mãe pelo amor insubstituível, pelo carinho e pelo incentivo que ela tem dedicado a mim todos esses anos, a cada dia. Certamente não teria chegado tão longe sem ela.

Agradeço a todos da minha família, que tal como minha mãe, contribuíram significativamente em cada passo do meu crescimento. Tenho só a agradecer por ter tido a sorte de ter ao meu lado aqueles que escolhi e que são parte fundamental da minha vida. Sou grata ao meu pai afetivo, Domício, e meus irmãos, Joana, Otávio, Domicinho e Rodrigo, que ao longo desses anos foram pacientemente construindo comigo vínculos inseparáveis.

Agradeço à minha *Nonna*, pelo exemplo de força, dedicação e por todas as oportunidades que me proporcionou, as quais são referências sólidas nas minhas escolhas hoje.

Agradeço as minhas amigas e amigos, peças essenciais no meu desenvolvimento. Pessoas que tive a sorte de conviver, trocar tantas experiências, abraços, queixas, sorrisos e afetos. Pessoas responsáveis por fazerem de mim uma pessoa muito mais feliz.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica, e principalmente, a todos os professores que fizeram parte de toda a minha jornada acadêmica. Eles que sempre estiveram à minha frente a esperar com um olhar de acolhimento, um voto de confiança, uma oportunidade. Eles que favoreceram para que eu me tornasse uma pessoa crítica, humilde... uma pessoa capaz de olhar para meus erros como escadas. Sou especialmente grata à minha orientadora Ida pela paciência e atenção ao longo deste trabalho.

Agradeço à Ana Maria pelas oportunidades desde o início da minha caminhada como psicóloga. A ela, minha “madrinha”, por ter sido tão atenciosa, crédula e afetuosa em todas as nossas empreitadas: muito obrigada.

Agradeço a todos que fizeram parte da construção deste trabalho, direta ou indiretamente. Espero poder retribuir ao mundo, por meio do meu fazer de psicóloga, tudo aquilo que tive a sorte de aprender, crescer e descobrir chegando até aqui.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.

Jorge Larrosa Bondía

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo a compreensão da vivência de uma situação de catástrofe. A ocorrência de catástrofes tem abalado e desorganizado inúmeras vidas, provocando prejuízos de várias ordens – entre eles, traumas psíquicos. A pesquisa foi realizada a partir das falas de sobreviventes de catástrofes, obtidas em sociodramas construtivistas de catástrofes. Este é uma das formas de intervenção utilizadas no Programa de Ajuda Humanitária Psicológica – PAHP, em quatro estados brasileiros – Maranhão, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina. O objetivo foi de compreender os significados atribuídos pelas pessoas atingidas às catástrofes em diferentes fases do ciclo vital e além de compreender os significados atribuídos às catástrofes ao longo do processo sociodramático. Por fim, visamos compreender os significados atribuídos ao processo vivido nas intervenções realizadas. Os resultados reafirmam a importância das intervenções para estas populações conforme proposto na literatura. Os sociodramas construtivistas de catástrofes oferecem um espaço de escuta grupal, no qual é possível ressignificar experiências limite de ruptura com o cotidiano. Esta construção de ressignificação possibilita a linguagem e favorece a representação de sensações concretas durante o ocorrido, traz alívio, sensações de bem estar e permite projetos futuros. Cabem no entanto outras investigações que tenham por objetivo acompanhar os desdobramentos e benefícios a longo prazo de programas de ajuda humanitária como o PAHP.

Palavras-Chave: catástrofe natural, sociodrama construtivista, significado

SUMÁRIO

I – Introdução	p. 3
II – Crise Circunstancial e Trauma	p.7
III – O Sociodrama Construtivista de Catástrofes	p.12
IV – Método	p. 19
V – Análise Interpretativa	p. 23
VI – Considerações Finais	p. 33
VII –Referências Bibliográficas	p. 38
VIII – Apêndices	p. 41
IX – Anexos	p. 45

I – INTRODUÇÃO

“Pensem nas crianças/Mudas telepáticas
 Pensem nas meninas/Cegas inexatas
 Pensem nas mulheres/Rotas alteradas
 Pensem nas feridas/Como rosas cálidas
 Mas, oh, não se esqueçam/Da rosa da rosa
 Da rosa de Hiroshima/A rosa hereditária
 A rosa radioativa/Estúpida e inválida
 A rosa com cirrose/A anti-rosa atômica
 Sem cor sem perfume/Sem rosa, sem nada”

(VINICIUS DE MORAES, Rosa de Hiroshima)

Ao desenvolver um trabalho na qualidade de estagiária de Psicologia do Programa de Ajuda Humanitária Psicológica - PAHP (ANEXO I) – realizado pela F&Z Assessoria e Desenvolvimento em Educação e Saúde junto ao Rotary Club de São Paulo - Butantã em diferentes regiões do Brasil –, constatei a sofrida realidade das vítimas de catástrofes naturais e não pude deixar de me impressionar pela forma como essas situações são devastadoras na vida das pessoas e de suas comunidades.

O grupo envolvido no referido Programa se reúne a partir do objetivo comum de minimização da intensidade do impacto adverso da vivência de uma situação de desastre na população em geral, tanto para as famílias envolvidas como para os profissionais responsáveis pela reorganização da comunidade pós-catástrofe.

A proposta do PAHP é a intervenção grupal em situação de crise, por meio de protocolos da *International Critical Incident Stress Foundation*, da *Green Cross Academy of Traumatology*; do Protocolo Grupal e Integrativo com EMDR (*Eye Movement Desensitization and Reprocessing*) (ARTIGAS e JARERO, 2008) e de Sociodramas Construtivistas (ZAMPIERI, 1996). Entretanto, o foco do presente trabalho serão as informações recortadas dos Sociodramas Construtivistas realizados em diferentes cidades do Brasil castigadas por chuvas intensas.

Cada vez mais, populações inteiras estão expostas a situações de catástrofe o que não é uma infelicidade exclusiva do século XXI. A humanidade já vivenciou inúmeras situações de desastre que deixaram muitos mortos e desabrigados. As pesquisas mostram que esses episódios vêm se repetindo com cada vez mais frequência:

(...) têm-se verificado que a partir da década de 50 houve um incremento significativo na frequência e na intensidade dos desastres naturais em todo o globo (Emergency Events Database - EM-DAT, 2005). Alguns autores defendem a hipótese de que esse aumento dos desastres naturais está associado diretamente a uma maior exposição e vulnerabilidade da sociedade contemporânea (NICHOLLS, 2001; PIELKE, 2005; PIELKE ET AL., 2005). Outros, como Houghton (2003), acreditam que o principal propulsor tem sido as mudanças globais, principalmente através da intensificação das instabilidades atmosféricas, como furacões, vendavais e tornados, que causam grandes danos socioeconômicos. (MARCELINO, NUNES e KOBIYAMA, 2006, p. 130)

Sejam as causas do aumento da ocorrência de catástrofes naturais o crescimento desordenado da população, o aquecimento global e/ou as instabilidades atmosféricas, a verdade é que a cada dia ocorrem mortes e tragédias relacionadas a desastres naturais – e que elas desestabilizam muitas vidas.

Ainda que esses fatores não estejam diretamente ligados ao nível socioeconômico da população, os abalos vividos pelas classes carentes são mais lentamente remediados em países subdesenvolvidos e em desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

Esse elevado número de mortes nos países do Terceiro Mundo deve-se às condições socioeconômicas adversas, que repercutem na baixa renda, na carência de políticas educacionais, na pressão sobre os recursos naturais, na ineficiência do ordenamento territorial que, conseqüentemente, resulta na ocupação de áreas de risco, como as planícies de inundação. (MARCELINO, NUNES e KOBIYAMA, 2006, p. 132)

A ocorrência de um desastre traz conseqüências em muitos âmbitos. O impacto de catástrofes naturais gera prejuízos diretos e indiretos. As conseqüências diretas na comunidade refletem-se na infraestrutura, como a agricultura e as edificações, entre outros. As indiretas, e não menos impactantes, estão relacionadas ao gasto econômico, à diminuição do PIB, ao desemprego, à instabilidade financeira e sem dúvida aos prejuízos físicos, emocionais e psíquicos que atingem as pessoas envolvidas direta e indiretamente.

Segundo dados do banco global Emergency Events Database - EM-DAT, 2005, coletados junto ao *Centre for Research on the Epidemiology of Disasters (CRED)*, e de um banco regional, coletados junto ao Departamento Estadual de Defesa Civil de Santa Catarina (DEDC-SC), uma catástrofe é um evento trágico que “ultrapassa a capacidade de resposta de um determinado local, necessitando de assistência externa para o retorno da normalidade, ou seja, é um evento imprevisto e/ou frequentemente súbito, que causa grandes danos e prejuízos às áreas afetadas”. (MARCELINO, NUNES e KOBİYAMA, 2006, p.133).

Os critérios para a definição de uma catástrofe levados em conta pelos pesquisadores atentam: ao número de vítimas ou de mortes, que deve ser acima de dez; ao grau de pessoas feridas e afetadas, que deve ser acima de cem; à declaração de estado de emergência por parte das autoridades governantes; e ao pedido de assistência social internacional.

A palavra catástrofe vem do grego *katastrophé*, que significa destruir, e é equivalente a desastre – que, por sua vez, em um contexto anglo-saxão, é usada para definir aqueles fenômenos de ruptura do sistema ecológico humano.

Consideramos que existem três tipos de catástrofe: as tecnológicas, que incluem os acidentes industriais e de trânsito, entre outros; as causadas pelo homem, chamadas de *man-made disasters*, pois são resultados diretos de algo produzido pelo homem, como, por exemplo, vazamentos de óleo no oceano e guerras; e, finalmente, as naturais, que são resultado de um fenômeno natural relacionado a elementos da natureza, como água, fogo, terra e ar.

Apesar dos avanços científicos, é difícil medir a complexidade do impacto gerado por desastres. Lidar com a catástrofe é sempre uma tarefa delicada, pois suas consequências variam muito de acordo com as situações em que elas acontecem: sua natureza, a população, o contexto cultural, a magnitude, os recursos da população para encarar as reconstruções física e psicológica, entre outros.

Frequentemente pensa-se que em momentos emergenciais os recursos materiais e financeiros são as únicas ajudas possíveis e necessárias. De fato, nos primeiros momentos será a ajuda de base, tais como a financeira e a de abrigo, a fundamental para que as famílias atendam suas necessidades primeiras de sobrevivência. Porém, a atuação em solidariedade à população não se restringe a isso,

já que graves prejuízos psicológicos são causados pelas catástrofes, além dos danos materiais e financeiros.

A ruptura da ordem social é tão grande que se faz necessária uma atenção psicossocial específica, a fim de intervir e minimizar prejuízos psicoemocionais, relevando a prevenção no sentido da diminuição de danos à saúde mental das vítimas.

Segundo o psiquiatra Thomé (2009), cabe à Psiquiatria e à Psicologia ampliarem seus universos de atenção à saúde, já que mesmo as pessoas saudáveis, quando expostas a situações traumáticas (como os casos de catástrofe natural), podem chegar a desenvolver um desequilíbrio emocional e psíquico considerável.

Nessas situações limite, ficam suscetíveis tanto indivíduos afligidos pelo flagelo principal quanto pessoas que participam indiretamente da situação, e até os espectadores que se envolvem à distância com a realidade adversa e incontrolável do desastre, relatada através dos veículos de comunicação. Tais situações estabelecem vivências emocionais geradas a partir de fatos reais, e provocam percepções ameaçadoras da realidade. (...) Estudos realizados pela Seção sobre Intervenções em Desastres e Catástrofes da Associação Mundial de Psiquiatria e pela Comissão de Saúde Mental das Nações Unidas revelam que até 20% das populações expostas a situações limite desenvolvem algum tipo de patologia relacionada à saúde mental nos anos posteriores aos acontecimentos. (THOMÉ, 2009, s. p/.)

Em consequência de uma vivência devastadora, os indivíduos de uma comunidade podem vir a desenvolver um trauma. Em linhas gerais, um trauma psíquico diz respeito à dificuldade do indivíduo de integrar uma experiência emocional, que é individual e subjetiva de ameaça à vida, à integridade corporal ou à sanidade. A vivência do trauma reflete uma falta de articulação entre o afeto e a representação, ou seja, o sentimento de desamparo é tão intenso que o indivíduo revive no presente a experiência passada, sentindo-se desprotegido e com consideráveis prejuízos na sua capacidade de processar o evento, vivenciando uma ruptura com a realidade.

Tal processo é descrito por Franco (2005, p.178) quando afirma:

Um trauma é definido como uma ruptura do tecido vivo, causado por um agente externo, como resultado de uma cirurgia, um ato violento, um

desastre. Geralmente leva a um estado de crise. Pode ser também definido como um período de desequilíbrio psicológico.

Pesquisas envolvendo atuações psicológicas em situações de desastre, emergência e luto, mostram que essas intervenções ajudam a entender os comportamentos e reações da população, e a desenvolver planos de ação e prevenção de problemas, como também favorecem a compreensão dos mecanismos de ação de apoio mútuo dos envolvidos na situação emergencial. (FRANCO, 2005)

Este trabalho justifica-se na medida em que permitirá o desenvolvimento de formas de intervenção mais eficazes no sentido de fortalecer a resiliência da população envolvida, prevenir traumas e promover forças internas e a construção de redes sociais mais eficientes.

O objetivo geral deste trabalho é de, a partir das falas colhidas em Sociodramas Construtivistas, compreender os significados atribuídos às catástrofes pelas pessoas atingidas. Buscamos também compreender os significados atribuídos às catástrofes em diferentes fases do ciclo vital e compreender os significados atribuídos às catástrofes ao longo do processo sociodramático; e, por fim, nos voltamos a compreender quais os significados atribuídos ao processo vivido nas intervenções realizadas.

II – CRISE CIRCUNSTANCIAL E TRAUMA

Tanto as tensões quanto as crises são condições da vida humana. Ao longo da vida todos nós nos deparamos com situações mobilizadoras, as crises. São situações comuns no curso do ciclo vital e que se apresentam despertando o alerta para o perigo, mas ao mesmo tempo representam oportunidades de amadurecimento. Entretanto, nem toda crise está relacionada ao conceito de amadurecimento natural do ciclo vital. Acidentes automobilísticos, uma doença como o câncer, abuso sexual, sequestro e desastres naturais são exemplos de crises circunstanciais. Denomina-se crises circunstanciais as situações que desafiam, por meio de uma abrupta desorganização, a

capacidade do ser humano em se adaptar, colocando sua sobrevivência física e/ou psíquica em risco.

As crises circunstanciais são caracterizadas por sua imprevisibilidade. Podem acontecer a qualquer um, a qualquer momento. Ocorrem repentinamente e representam alto grau de risco do bem-estar físico e psicológico das pessoas, por sua dimensão em número de afetados e pelo que geram na rede social como um todo. (SLAIKEU, 1990, p.67).

Desastres, sejam eles provocados pelo homem – como no caso da bomba atômica lançada sobre o Japão durante a Segunda Guerra Mundial, à qual se refere o poema de Vinicius de Moraes enunciado em epígrafe – ou em casos de catástrofes naturais – como as enchentes ocorridas no Maranhão, no Brasil, em 2008 –, são crises circunstanciais avassaladoras.

Como aponta Slaikeu (1990), do ponto de vista da teoria das crises, as enfermidades físicas e as lesões corporais são acontecimentos que desafiam a capacidade do indivíduo e de sua família em se reorganizar e adaptar. Porém, não apenas as feridas físicas representam uma ameaça, pois eventos catastróficos reverberam de forma a afetar o bem-estar psicológico, o qual está diretamente relacionado ao sistema imunológico do organismo, podendo se manifestar por meio de diversos transtornos psiquiátricos, como, por exemplo, o Transtorno de Estresse Pós-Traumático - TEPT.

As consequências e prejuízos de uma catástrofe são inúmeros, e se prolongam por prazo indeterminado. É esperado no pós-catástrofe a ocorrência de sintomas patológicos, reações normais a uma realidade anormal. Slaikeu (1990) cita um estudo, realizado em 1976 por Lifton e Olson com sobreviventes de desastres, no qual os autores definem categorias para as consequências encaradas pelos sobreviventes.

A primeira das cinco categorias refere-se a sintomas de ansiedade e medo da morte, expressos por imagens involuntárias ou *flashbacks*, pesadelos, taquicardia, entre outros. A segunda categoria abriga o sentimento de culpa dos sobreviventes pela morte de outros (uma forma de autocondenação). A falta de vitalidade, de motivação e de interesse caracteriza a terceira categoria – por exemplo, sintomas de apatia, isolamento

e depressão. A quarta categoria diz respeito à síndrome do sobrevivente, que se manifesta como um comprometimento nas relações humanas. A última e quinta categoria é a busca de uma justificativa racional-cognitiva para explicar o evento, situação na qual, com frequência, os sobreviventes colocam em questionamento convicções religiosas. (SLAIKEU, 1990)

Ao vivenciar uma situação de extremo perigo o ser humano tenta integrar essas novas informações ao seu contexto de vida. Porém, quando as mesmas são muito aversivas, não é possível integrá-las, o que acaba resultando nos chamados traumas.

Em situações de crises circunstanciais é esperado que a maioria das pessoas apresente sintomas de Estresse Pós-Traumático, como insônia, ansiedade, pensamentos intrusivos, irritabilidade, abuso de drogas, entre outros. O prazo para a emergência desses sintomas pode variar de semanas até meses iniciais após o evento (Yehuda e Bieber, 2005).

Consideramos no seguinte trabalho que um trauma é a vivência de uma situação na qual se experimenta o impossível. Segundo Knobloch (1998), podemos compreender uma situação de trauma como um momento de crise, no qual a pessoa é exposta a uma situação limite, ou seja, ela é “confrontada com a perspectiva de sua própria morte”. (KNOBLOCH, 1998, p. 30)

Uma situação de catástrofe natural é claramente uma situação de crise, na qual a pessoa, a comunidade, a população se defronta com a impossibilidade de explicações para o que ocorreu; nesse sentido, a situação é da ordem do irrepresentável. Segundo Knobloch (1998), o irrepresentável é considerado também como o inominável, o que escapa do real. Nesse contexto a pessoa vivencia uma desorganização abrupta, um sentimento de estranheza de si e do mundo, se sente sem referências e, principalmente, se encontra em um estado no qual “(...) não há diferença entre sujeito e objeto, nem diferença entre presente, passado e futuro (...) Uma experiência onde há algo insuportável, no sentido literal do não suporte.” (KNOBLOCH, 1995, p.45)

Para Bieber e Yehuda (2005, p.5), a recuperação após um período de luto, o qual é totalmente subjetivo, é uma resposta normal ao trauma. Passa-se a considerar patológica a persistência de sintomas após um longo período de tempo. Neste caso

diagnostica-se TEPT, que, tal como descrito no *Manual de Psiquiatria Básica* (NETO & ELKIS, 2007), foi definida como categoria diagnóstica só a partir dos anos 80, com o DSM-III, embora sintomas exacerbados subsequentes a uma situação de ameaça sejam encontrados com facilidade na literatura.

O diagnóstico de TEPT é aplicado a pessoas expostas a situações de extrema ameaça da vida, desencadeadoras de medo intenso, sentimentos de desamparo e pavor. São situações diferentes das cotidianas. “No estresse pós-traumático, o evento desencadeador dos sintomas é revivido de forma persistente (...)” (NETO & ELKIS, 2007, p.340).

A intervenção pretende, antes de tudo, facilitar os processos individuais de recuperação, bem como promover a sensação de alívio, de equilíbrio, de abertura para encarar o futuro e dentro de expectativas e contexto sociais. A atenção social não é responsabilidade apenas do setor de saúde e de ações de assistência social. Compromete autoridades e governos, e requer a participação ativa da comunidade, inclusive da mídia, responsáveis por divulgar os procedimentos de atenção disponíveis.

Há décadas vários pesquisadores se debruçam sobre a função de compreender e otimizar estratégias interventivas em situações de catástrofe. Frederick propõe, em 1977, (*Apud* SLAIKEU, 1990, p. 90) que a intervenção na crise é indistinta da intervenção no momento do desastre. A intervenção deve transcender a psicoterapia clínica, dando ênfase a estratégias mediadoras e inovadoras, que inicialmente atendam as necessidades indispensáveis de ajuda humanitária, bem como segurança pessoal, alimentação, educação e trabalho, em função das necessidades de cada comunidade e da natureza da crise em questão, para que em seguida se possa trabalhar com as questões psicossociais.

Para o autor, os programas devem ser de longo alcance. Ele recomenda que não se utilize a linguagem e os conceitos oriundos do campo da saúde mental, pois as pessoas que sofrem um desastre não se veem como doentes mentais, e de fato não o são, já que as variáveis ambientais são muito favoráveis ao aparecimento dos sintomas. Além disso, Frederick (*apud*, SLAIKEU, 1990, p. 90) argumenta que a investigação

deva ser contínua, para garantir a compreensão da natureza das reações, como lidar com elas e a efetividade das estratégias utilizadas na intervenção.

É importante lembrar que em casos de catástrofes naturais o impacto é enorme, capaz de atingir grande quantidade de pessoas e de afetar diversas esferas sociais. Nesses casos, é de suma importância desenvolver e validar estratégias que permitam atingir o maior número de afetados, de forma a abranger os níveis individual, familiar, comunitário e sociocultural.

De qualquer maneira, vale ressaltar que não são todos que passam por uma situação de desastre que ficam traumatizados e sofrem sintomas do TEPT. A situação é extremamente desorganizadora, por isso são esperadas reações e sensações de desordem e de ruptura com o real. Mas, apesar de nem todos ficarem traumatizados, no sentido de desenvolverem TEPT, “ninguém fica imune ao impacto de uma crise, cada pessoa a enfrentará com seus recursos, mesmo que em circunstâncias semelhantes” (FRANCO, 2005, p. 178).

Sendo essas vivências abruptas e sem possibilidade de representação, há uma tentativa por parte dos envolvidos de buscar respostas e justificativas que sejam capazes de contornar uma divisão entre “o que sou eu” e “o que é o mundo”, ou seja, uma tentativa de dar sentido a coisas que muitas vezes não têm resposta. Nestes momentos há a tendência em se apoiar na religião, em sentir-se culpado ou em culpar outros, como tentativa de preencher o vazio, dando a ele um significado e uma explicação. (KNOBLOCH, 1998)

Sendo assim, as situações de catástrofe exigem do governo e da sociedade, além da atenção às necessidades básicas das populações envolvidas, intervenções psicossociais com vistas à prevenção do TEPT, assim como da promoção de saúde e resiliência.

Resiliência é um termo bastante empregado no Programa, e isso apesar de não haver consenso na literatura sobre seu significado. Segundo Yunes (2003), autores como Rutter (1985) e Werner e Smith (1992) foram alguns dos pioneiros no estudo da resiliência como constructo psicológico. Foram eles alguns dos responsáveis por conectar a ideia de invulnerabilidade à capacidade de suportar situações de estresse, de

se sobrepor e se fortalecer a partir de situações de risco. Porém, estudos mais recentes indicam que resiliência não é uma potencialidade intrínseca ao indivíduo; suas bases são “tanto constitucionais como ambientais e o grau de resistência não tem uma quantidade fixa, e sim, varia de acordo com as circunstâncias”. (Rutter, 1985 *apud* Yunes, 2003, p. 77).

Com isso, adaptaremos para este trabalho a concepção de resiliência compreendida como capacidade universal que favorece e permite que, tanto uma pessoa, quanto uma comunidade ou grupo, sejam capazes de prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos das adversidades. Entretanto, no que compreendemos de resiliência, apesar desta habilidade em superar as adversidades, o indivíduo não sai ileso, ou seja, não há invulnerabilidade. (YUNES, 2003, p. 78)

III – O SOCIODRAMA CONSTRUTIVISTA DE CATÁSTROFES

J. L. Moreno (1892-1974) destacou-se no campo da psicologia contemporânea ao enriquecê-la com o teatro terapêutico, o psicodrama. O psicodrama foi introduzido em 1921 e, desde então, Moreno desenvolveu vários outros métodos clínicos e socioeducacionais: o psicodrama, o axiodrama, o sociodrama, o desempenho de papéis, o *role playing*, entre outros.

O psicodrama compreende o homem como intérprete de papéis sociais, que Moreno concebe como sendo “a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas e objetos estão envolvidos” (MORENO, 1991, p. 27). Todo e qualquer papel é composto de elementos subjetivos privados e elementos coletivos compartilhados. O desempenho desses papéis é anterior ao surgimento do eu, são unidades da cultura que se fundem. Tecnicamente, a representação dos papéis sociais no psicodrama evidencia os dramas individuais, que tanto são compartilhados como construídos socialmente.

Dentro do contexto da dramatização, a fantasia torna-se realidade e vice-versa, numa “(...) tentativa de anular o dualismo entre a fantasia e realidade (...)”.

(MORENO, 2009, p. 410) A partir do exercício dos papéis é possível ampliar a percepção das pessoas acerca de como estes são concebidos e de como cada indivíduo atua em função dos mesmos. Esse exercício auxilia no desempenho sociocultural, por via da catarse, termo que Moreno empresta de Aristóteles¹ para conceituar a sensação de bem-estar e alívio que advém da vivência das emoções em grupo e no campo teatral.

Os conceitos de criatividade e espontaneidade são a base da teoria moreniana. Explicam a capacidade do ser humano em criar novas respostas dentro da conserva cultural na qual vive, definida como o acúmulo de experiências e produções culturais em contínua construção grupal. Segundo Zampieri (1996), Moreno percebe o homem como um sujeito único, aberto a mudanças e capaz de “renascer”, já que está continuamente construindo sua história.

Para o autor, a realidade na qual o homem se compreende inserido é produto da sua relação com a sociedade, bem como de sua percepção particular de si e do mundo. Ao trabalharmos com psicodrama, privilegiamos a ação no presente, pensando sempre em construir no aqui e no agora. Consideramos que uma concepção grupal voltada para o presente é capaz de ampliar consciências e possibilitar o enfrentamento das dicotomias da realidade.

Como o psicodrama, o sociodrama também trabalha com papéis, os quais têm duas faces: pessoal e coletiva. Os papéis privados se apresentam como

(...) um revestimento que confere aos papéis coletivos uma coloração individual, diferenciada em cada caso. (...) Os papéis que representam ideias e representações coletivas denominam-se papéis sociodramáticos; os que representam ideias e experiências individuais chamam-se papéis psicodramáticos. (MORENO, 2009, p. 411)

O sociodrama também trabalha com os papéis individuais, mas de outra maneira, enfatizando papéis socialmente compartilhados e reproduzidos pelo grupo. Em outras palavras, o enfoque do protagonista é voltado para tratar ideologias coletivas e reações intergrupais. (MORENO, 2009, p. 412)

¹ Ver Moreno, J.L. Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 2009, p. 410 – 411.

O grupo é considerado como um todo, “uma identidade em si, que tem sua própria estrutura social e é onde os processos individuais desembocam, sem perder sua autonomia.” (ZAMPIERI, 1996, p.93). Dentro de cada grupo há uma mescla de papéis sociais, os quais expressam princípios éticos, valores, rituais, passado, religiões, mitos. Todos os que compõem o grupo são peças fundamentais, que, ao se relacionarem, se apresentam como um modo único e específico de funcionar. O observador-participante² colocado no grupo é também um indivíduo que traz as próprias concepções, mas estas concepções têm, em seu núcleo, um conjunto de regras e valores sociais instituídos e compartilhados culturalmente com os demais do grupo.

Segundo Moreno (1991), a realidade se constrói na medida em que a vivemos. O sociodrama é construído e trabalhado dentro e com o próprio grupo, que traz suas ideias particulares, o que favorece aos seus membros a possibilidade de serem experimentadores e, ao mesmo tempo, sujeitos de experimentação de novas concepções e realidades. O método sociodramático é uma proposta de ação que compreende que o cognitivo, o sentir e a afetividade são essenciais para a transformação de comportamento e do pensamento.

O Sociodrama Construtivista da Catástrofe, proposto por Zampieri (2008), é um método preventivo e terapêutico para, que se constitui a partir da articulação entre a obra de Moreno (1991), a teoria construtivista, e o EMDR (SHAPIRO, 2008).

Em Moreno podemos encontrar algumas ideias condizentes com a teoria construtivista. Uma dessas ideias é retomada no trabalho de Zampieri (1996), a partir da proposta do Sociodrama Construtivista (1996), a de que não há uma única verdade a ser encontrada. Em ambas compreendemos que a realidade se constrói por meio da interação de cada indivíduo com seu meio, produzindo um resultado que, para cada participante, será único e pessoal.

² Segundo Zampieri (1996, p.93): “O observador-participante é esse indivíduo investido de atenção memória e sentimentos, correlatos à observação do tempo e do espaço e à observação de cada indivíduo em relação aos demais e ao grupo como um todo, na consumação de enredos socioindividuais apresentados. A realidade passa a ter sentido na integração dos indivíduos com a imediatez dos estímulos vivenciados na dinâmica grupal e nas percepções individuais particulares.”

Nos Sociodramas Construtivistas, bem como no sociodrama apontado por Moreno, o pesquisador é parte fundamental e inseparável do grupo, sendo dessa forma coconstrutor da realidade que ali se faz, tal como todos os outros observadores-participantes. Outra questão que se destaca quando expressa de uma postura construtivista, refere-se à compreensão do mundo como um sistema integrado no qual o todo é mais do que a soma das partes. O grupo tem uma estrutura dada pelas relações entre todos os seus elementos, cuja produção extrapola aquela dos indivíduos.

O método do Sociodrama Construtivista proposto por Zampieri (1996), fundamentado nas ideias construtivistas e sistêmicas, compreende que os fenômenos são sociais e que se apresentam em forma de narração, sendo o conhecimento considerado uma construção social. Este trabalho é um convite a experimentações do “como se” no presente da vida real, já que, na ação dramática, o tema-protagônico é exteriorizado, favorecendo a ação no “como se” em busca de novas formas de agir frente a um problema que se percebe como externo a si mesmo. Por meio do distanciamento espacial e lingüístico, os observadores-participantes conseguem ter uma visão mais ampla da situação, na qual ficam mais bem delimitados os valores, os medos e os tabus paralisantes, o que favorece novos posicionamentos e perspectivas. Nesse sentido, a estratégia revela a teoria narrativa, conforme proposta por Cruz (2008) ao referir-se de Michael White, para quem a linguagem constitui realidades.

Ao experimentar esse espaço de exploração de novas formas de pensar as próprias atitudes e escolhas, os sujeitos são incentivados a perceber as particularidades de cada um, de pensar do que são capazes, de se responsabilizar e lutar pelas próprias causas, apoderando-se de si mesmos e tornando-se responsáveis pela própria vida e por suas escolhas.

O Sociodrama Construtivista da Catástrofe acredita na força e na eficiência de orientações sustentadas no EMDR com a intenção empoderar os participantes. O método tem por princípio realçar tudo aquilo que for positivo e construtivo. Procura-se favorecer os aspectos por meio dos quais as pessoas são capazes de enfrentar as adversidades, considerando que este será um caminho mais efetivo e profundo para transformá-los, em vez de utilizar métodos repressores que só produzem paralisação e reduzem a criatividade. (ZAMPIERI, 2008)

O método do Sociodrama Construtivista desenvolvido por Zampieri (1996) foi adaptado para o Programa de Ajuda Humanitária Psicológica - PAHP e denominado Sociodrama Construtivista de Catástrofes.

O protocolo do Sociodrama Construtivista de Catástrofes tem algumas particularidades. Além de seguir os mesmos conceitos e técnicas do Sociodrama moreniano, ele foi enriquecido pelo conhecimento teórico e prático do EMDR (*Eye Movement Desensitization and Reprocessing*), sigla em inglês que significa Dessensibilização e Reprocessamento por Movimentos Oculares.

O EMDR consiste em uma metodologia psicoterápica específica, diferentemente da terapia clínica tradicional, desenvolvida pela psicóloga norte-americana Francine Shapiro no final dos anos 1980. Sua experiência levou-a a verificar que, por meio de movimentos oculares alternados e repetitivos, pensamentos negativos e sombrios foram amenizados de forma espontânea. A partir de então, Shapiro (2008) envolveu-se com pesquisas e trabalhos que a levaram a ótimos resultados, principalmente com pacientes de Transtorno de Estresse Pós-Traumático - TEPT. Este método tem possibilitado resultados favoráveis, não só em situações de tratamento de trauma, como também em situações potencialmente traumáticas, servindo como ferramenta de autocuidado.

Shapiro (2008) desenvolveu sua metodologia partindo da premissa de que os seres humanos são todos dotados de capacidade para processar e adaptar informações. Para a autora, o sistema humano é orientado para, psicologicamente, alterar experiências de uma vida estressante e traumática em direção a uma resolução adaptativa. Dessa forma, os terapeutas de EMDR trabalham com o sistema de reprocessamento de informações, acessam as informações ligadas às experiências perturbadoras e as corrigem com o intuito de permitir a reabilitação completa do paciente. (SHAPIRO e FORREST, 2008).

O protocolo do Sociodrama Construtivista inclui os benefícios do EMDR por meio do *Abrazo de La Mariposa* (Abraço de Borboleta), um modo sutil e fácil de autoestimulação bilateral alternada, desenvolvido por Lucina Artigas em 1997, durante

um trabalho realizado em Acapulco, no México, para trabalhar com crianças sobreviventes de catástrofes.

Dentre os benefícios, essa técnica se propõe a facilitar o processamento primário de uma ou várias memórias traumáticas fundamentais, auxiliar na redução da ansiedade, facilitar a instalação de crenças positivas e promover o empoderamento³, que ajuda na retenção da sensação de segurança enquanto se processam informações traumáticas. (ARTIGAS e JARERO, 2005)

Crença Positiva é um termo utilizado por Shapiro (in: CAVALCANTI, KNORST, PADUA, et al, 2010, p.11), que se refere à

(...) verbalização de uma afirmação desejada que a pessoa gostaria de pensar sobre si, uma autocrença fortalecedora do eu, que faz uma mudança de segunda ordem. Nos Sociodramas Construtivistas sempre se finaliza com uma “crença positiva coletiva” que é escolhida pelo grupo e instalada por todos ao mesmo tempo, enquanto força coletiva e legítima.

Uma outra técnica introduzida no Programa deriva da Psicologia Energética, termo desenvolvido pelo psicólogo Fred Gallo, 2000 (*apud* HARTUNG, 2008, p. 17). Os conceitos baseados em energia são muito anteriores aos psicólogos ocidentais. Estes conceitos seguem tradições ao longo de diversas regiões do planeta há mais de três mil anos. (HARTUNG, 2008, p.17).

Hartung (2008) defende que a respiração é algo natural e automático do ser humano, mas que em situações de estresse pode ser prejudicada, sendo superficial e ineficiente. A respiração acontece em duas etapas: a inspiração, quando se ativa o sistema nervoso simpático (de atividade), e a expiração, quando o sistema nervoso parassimpático (relaxamento) é acionado.

³ “O conceito de empoderamento vem de *empowerment*, presente na concepção de “saúde”, “promoção de saúde” e “políticas públicas saudáveis”. Por meio do empoderamento, os indivíduos e a comunidade aprendem a se tornar capazes de viver com suas dificuldades e em diferentes fases de forma mais segura, sentindo-se mais confiantes de suas forças de recuperação.” (RESENDE, S. R. E GASTALDO, D., 2007, p. 2030)

A estratégia de Psicologia Energética se baseia na respiração profunda com a intenção de unir o corpo e a mente, e dessa forma, oferecer manejos para melhor administrar situações de estresse. A energia sutil não é mensurável, mas seus efeitos são previstos e observáveis. (HARTUNG, 2008)

No protocolo do Sociodrama da Catástrofe apresenta-se a respiração 4x4x8x4, com a função de possibilitar, tal como o Abraço de Borboleta, o autocontrole da ansiedade, proporcionando a autocura, por meio de uma técnica sem efeitos colaterais nocivos e fácil de ensinar e aprender.

A intenção é proporcionar um espaço no qual os participantes provem experimentem uma respiração mais atenta e lenta, dividida em quatro momentos: 4x4x8x4; ou seja, inspira-se contando até quatro, segura-se o ar no pulmão sem respirar durante 4 segundos, e solta-se o ar em 8 segundos; finalmente, fica-se no vácuo por 4 segundos. Essa respiração otimizada é capaz de reduzir o estresse e garantir um efeito calmante e relaxante.

Com utilização do EMDR no espaço dramático, se reconstroem as lembranças não só por meio da fala, mas também pelo resgate das recordações sensoriais e perceptivas do trauma. Evocam-se cheiros, gostos, imagens, sensações táteis e auditivas, a fim de reconstruir a cena que pode ter traumatizado. Porém, desta vez, sem que estejam ali presentes os estímulos aversivos envolvidos na cena, o que possibilita novas significações do fato traumático e promove o empoderamento, que ajuda na retenção da sensação de segurança enquanto se processam informações traumáticas. (ARTIGAS e JARERO, 2005, p.30)

Além disso, durante o Sociodrama Construtivista da Catástrofe se compartilham sofrimentos e sentimentos de desamparo existentes no grupo, como reflexo do consciente e inconsciente compartilhado. Nesses espaços se produz uma rede de solidariedade, apoio mútuo que repercute em identificações entre os participantes, gerando conforto e a sensação de pertencimento ao grupo social. Assim sendo, o Sociodrama Construtivista de Catástrofes é um método eficiente para se trabalhar com as diferentes realidades vividas em situações de catástrofes naturais.

IV – MÉTODO

O trabalho aqui proposto tem como base o Programa de Ajuda Humanitária Psicológica - PAHP, desenvolvido pela Prof.^a Dr.^a Ana Maria Fonseca Zampieri desde o início do ano de 2008, quando o Brasil sofreu com o aumento no número de catástrofes naturais de vários tipos.

O objetivo do PAHP é a prevenção e o tratamento de Estresse Pós-Traumático eventualmente causado pelas catástrofes naturais, visando eliminar ou minimizar respostas e/ou energias de ansiedade, para que, assim, a população se aproxime mais rapidamente de uma recuperação.

Apesar de o programa fazer uso de três estratégias interventivas – o *Debriefing* (MICHELL, 1983), o Protocolo Grupal Integrativo com EMDR (*Eye Movement Desensitization and Reprocessing*) (ARTIGAS & JARERO, 2008) e o Sociodrama Construtivista de Catástrofes (ZAMPIERI, 2008) –, o foco do presente trabalho serão as falas que emergiram de Sociodramas Construtivistas de Catástrofes, durante os quais foram utilizadas as metodologias de estimulação bilateral derivadas do EMDR e da Respiração Energética.

Trata-se de uma análise qualitativa, das falas acerca dos significados atribuídos por vítimas às catástrofes naturais, a partir de um registro dos Sociodramas Construtivistas de Catástrofes aplicados ao longo das intervenções.

O enfoque qualitativo propõe-se a compreender os significados atribuídos pelos participantes ao fenômeno, que são culturalmente transmitidos, pessoalmente cunhados e socialmente negociados na intersubjetividade (KUBLIKOWISKI, 2001). Segundo Macedo e Kublikowski (2006), o estudo da subjetividade é um grande desafio, pois seu acesso é indireto, de forma que se acredita que não seja possível uma observação direta, o que o torna coautor das narrativas, socialmente situado no mundo dos participantes.

Material Analisado

O material analisado teve origem em atendimento de participantes do Sociodrama Construtivista de Catástrofes que estiveram em contato com a catástrofe, direta ou indiretamente. A participação das pessoas não teve nenhum vínculo com esta pesquisa – portanto, o material que será analisado não foi recolhido objetivando a pesquisa ora mencionada.

Esse material é composto por recortes dos Sociodramas Construtivistas de Catástrofes realizados em diferentes regiões do Brasil e em variadas situações de catástrofe. A intervenção no estado do Maranhão aconteceu em função do prejuízo decorrente de episódios de chuvas intensas e constantes, que provocaram enchentes e alagamentos na região no período de abril de 2008. Houve algumas mortes e milhares de desabrigados em toda a região. A atuação do Programa de Ajuda Humanitário Psicológico na região Nordeste restringiu-se às cidades de São Luís, Trizidela do Vale, Pedreiras e Rosário.

A região Sul do Brasil, mais especificadamente o estado de Santa Catarina, atingido pelas chuvas que ocorreram no final de 2008, recebeu o PAHP em diferentes períodos dos anos de 2008 e 2009, nas cidades de Blumenau, Gaspar, Guaraciaba e Ilhota.

Em São Paulo, o PAHP entrevistou em 2009 e 2010 nas cidades de Santana do Parnaíba e Barueri devido as intensas chuvas que atingiram a região resultando no desabrigamento de várias famílias. E, por fim, a cidade de Niterói foi atendida pelo PAHP em 2010, após o deslizamento de terras no Morro do Bumba. Neste morro uma favela foi construída sobre um lixão, e as chuvas causaram o deslizamento do terreno, responsável por perdas de muitas casas e por diversas mortes.

Estratégias de Intervenção

A intervenção sociodramática realizada no contexto do Programa de Ajuda Humanitária Psicológica - PAHP, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Ana Maria Fonseca Zampieri junto às pessoas atingidas pelas chuvas, deu origem ao material que foi analisado na presente pesquisa.

A metodologia do Sociodrama Construtivista (ZAMPIERI, 1996), como proposto por moreno, divide-se em três etapas: aquecimento, dramatização e compartilhar. As três fases são igualmente importantes para o sucesso do processo, e delas surge material de comparação significativo.

A primeira etapa, o aquecimento, é dividida em duas fases: aquecimento inespecífico e específico. O primeiro se caracteriza por uma apresentação dos objetivos, do método e da equipe, inclusive o uso do Abraço de Borboleta; a segunda fase teve como foco fazer uma integração grupal para que emergja do grupo o tema-personagem social que será protagonizado em cena. Ao longo da dramatização utilizou-se os recursos do Abraço de Borboleta e da Respiração 4x4x8x4. Finalmente, foi proposta uma breve reflexão, no compartilhar, a fim de levantar as opiniões, questões, sentimentos vivenciado no processo. Esta etapa se conclui com um solilóquio, técnica na qual as pessoas se comunicam em uma única palavra ou breve frase sobre o que sentem no momento.

Os locais nos quais aconteceram as intervenções são muitas vezes locais improvisados e com recursos mínimos. Servem simplesmente como um espaço onde se articula a fantasia e a realidade de forma atemporal.

Os materiais analisados são recortes dos Sociodramas Construtivistas de Catástrofes, realizados nas regiões anteriormente citadas, os quais foram todos dirigidos pela Prof^{ra}. Dr^a. Ana Maria Fonseca Zampieri. Junto com a equipe técnica, egos auxiliares⁴ que é formada por psicólogos e profissionais da área de saúde da região. Estes últimos são treinados para dar continuidade à intervenção da população local ao final do Programa.

Método de Análise dos dados

⁴ Os egos auxiliares são “atores” que entram no Sociodrama de forma a complementar o trabalho do diretor. Eles são responsáveis por facilitar a representação papéis sociais existentes naquele grupo. São os representantes de vozes ocultas do grupo.

A análise se baseou em recortes das falas dos participantes do Sociodrama Construtivista de Catástrofes, registradas pela equipe durante e depois das intervenções. O primeiro objetivo do registro foi identificar temas a partir das informações (APÊNDICE I) para melhor compreender o quais são os aspectos mais relativos numa vivência de catástrofe.

A primeira etapa constituiu-se na leitura do material como um todo, o que permitiu conjecturar sentido mais geral presente nos relatos. Em seguida foram assinaladas unidades de significados que se destacaram e deram origem a conjuntos de temas. Tematizar segundo Kublikowski (2001), é um processo que se constitui do todo para as partes, e das partes para o todo reorganizado. Com isto se produz uma nova compreensão e permite ao pesquisador “ouvir” novas interpretações presentes nos dados.

Os excertos, cedidos pela diretora dos Sociodramas, foram devidamente nomeados com pseudônimos, a fim de preservar a identidade de cada um dos participantes, tendo sido mantidos apenas o local da intervenção e a idade de cada um deles.

O objetivo geral foi, a partir das falas colhidas em Sociodramas Construtivistas, compreender os significados atribuídos às catástrofes pelas pessoas atingidas. Buscamos também compreender as diferenças dos significados atribuídos às catástrofes nas diferentes fases do ciclo vital, bem como aqueles ao longo do processo sociodramático e, também buscamos compreender os significados atribuídos ao processo vivido nas intervenções realizadas.

Primeiramente foram analisadas as três etapas da sessão: aquecimento, dramatização e compartilhar, em cada um dos estados. Dessa forma foi possível compreender os efeitos gerados e os significados atribuídos ao longo do processo sociodramático. Em seguida, foi feita uma análise correlacionando os quatro estados e as diferenças entre eles. Assim, foi possível se fazer observações a respeito das diferenças de significações observadas em diferentes fases do ciclo vital.

Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo por meio do Protocolo de Pesquisa de número 393/2010, na data de 08 de dezembro de 2010.

V – ANÁLISE INTERPRETATIVA

“(...) o que importa é que sempre é possível e
necessário “Recomeçar”.
Recomeçar é dar uma nova chance a si mesmo...
é renovar as esperanças na vida e o mais importante...
acreditar em você de novo.”

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, Recomeçar)

Rio de Janeiro

Nota-se que a percepção da catástrofe (APÊNDICE I) na descrição de crianças de Niterói (RJ) refere-se a experiências e percepções concretas vividas no momento. Durante a fase de aquecimento, na qual se pergunta sobre a imagem e a lembrança atribuídas à catástrofe, as crianças descrevem: “... eu vi a terra com aquele cheiro ruim entrando na minha boca e nos meus olhos, e não sabia o que era... não dava pra gritar nem nada...”. Ao encenar o vivido, na fase II, de dramatização, a criança encena um projeto para o futuro, no qual reconstrói, de maneira concreta, as coisas que se perderam e a solidez de sua rotina, quando se refere a voltar para a escola e continuar seguindo sua vida: “eu tenho que arrumar o meu braço e a perna e vou voltar para a escola... o que eu quero é ser professora como vocês, para ajudar as pessoas a serem mais felizes...”.

Na fase do compartilhar, terceiro momento do Sociodrama Construtivista de Catástrofes, a criança fala que se sente aliviada: “... a minha palavra é alívio...”. Também menciona que “ainda acredito em Deus, sim... ele é bom, mas é que a natureza ficou brava porque a chuva veio e ___ o lixo...”.

Os adolescentes, ainda no estado do Rio de Janeiro, também conceituam a catástrofe a partir de experiências e percepções concretas: “... a pior coisa foi não ter mais a escola, e a professora, e os meus colegas que o lixo puxou para baixo... quero minha vida de volta”. Na fala acima, o adolescente declara o sofrimento em perder a estabilidade da rotina escolar, bem como explicita qual foi a vivência no momento em

que as chuvas acabaram com tudo, ou seja, “puxou tudo para baixo”, como se ele tivesse sido enterrado vivo.

No momento da representação dramática os adolescentes apresentam um grau de crítica até então não observado na fala das crianças, como por exemplo: “... seu prefeito, tenha vergonha nessa cara de safado... agora não adianta ficar aí triste e escondido... vocês deixaram um bando de ignorante fazer uma cidade em cima do lixo... quero que você vai se ferrar e que nunca mais esqueça aquelas escavadeiras que puxavam lama, misturada com bichos, misturada com gente morta... quero que você fique até louco de não conseguir nunca mais dormir e que meus amigos mortos no meio do lixo gritem na tua orelha pro resto da vida...”. Nota-se um espírito crítico no discurso politizado e revoltado do adolescente, que usa o prefeito como responsável pela tragédia.

A revolta se mantém na fase III, o compartilhar, porém aliada ao sentimento de alívio alcançado quando se viveu um momento em que se pôde ser ouvido: “...obrigada minha gente, mas tem que falar para a imprensa aí que o problema não acabou, não dá para deixar a gente aqui no abandono, não... é pra vir sempre aqui e escutar a gente... a palavra é meio alívio e meio revolta...”.

Os adultos do Rio de Janeiro conceituam a catástrofe como situação na qual os filhos e entes queridos estiveram em risco, gerando grande angústia: “a pior hora foi quando eu olhei pra mesa e vi só a minha filha embaixo e a minha irmãzinha de 9 anos já tinha sido comida pela terra... e não deu tempo pra salvar...”. Além da impotência e da descrição da situação tal como ela aconteceu, o adulto denota preocupação não apenas por si, mas também pelos parentes – no caso, a filha e a irmã mais nova.

Na dramatização, a cena escolhida traz à tona a culpa e a impotência pelos que morreram: “... querida irmãzinha... que Deus te proteja aí no céu, ele sabe que você é um anjo... e desculpa [por] eu não poder te salvar... eu não consegui.... mas eu vou ter você de anjo da guarda para proteger eu [a mim] e meus filhinhos... me perdoa por favor... espero de coração que você não tenha sofrido demais para morrer afundada naquele lixo... me perdoa... um dia a gente se encontra aí, se Deus quiser, mas eu preciso de forças agora para criar os meus filhos... me perdoa”. No relato supracitado

aparece a culpa por não ter conseguido salvar a irmã, mas não apenas. Há o vínculo com a espiritualidade a partir da crença em um Deus bondoso e sábio que é capaz de acolher e decidir.

Ao final, no compartilhar, afirmam ter conquistado “um grande alívio” e apoio no afeto dos que estavam presentes: “e percebo que muita gente gosta de mim... a minha palavra é leve”.

A percepção do idoso, tal como aparece em todos os outros casos, está relacionada com a percepção concreta da cena vivida: um buraco, ou melhor, “... foi ver um buraco gigante entre os dois buracões do meio... não dá pra acreditar que eu tô vivo aqui.” A fala do idoso denota certa surpresa em estar vivo após uma vivência tão desastrosa como a abertura de “um buraco gigante” no chão. Na fase de dramatização o idoso escolhe uma cena na qual ele faz um questionamento crítico acerca da existência e bondade de Deus. “... Eu quero falar com Deus, que é tão bondoso, mas que deixou um monte de famílias morrerem... isso foi demais para meus 68 anos... foi a pior coisa, meu Deus! Se Deus existe, não pode deixar acontecer uma coisa dessas com gente tão inocente e boa... eu acho que Deus não pode existir desse jeito...”

Em um terceiro momento, no compartilhar, o mesmo senhor de 68 anos descrente e revoltado com Deus, parece ter resgatado sua espiritualidade e confiança em Deus, dizendo-se então sossegado. “... Eu aprendi com uma criança aqui hoje, [que] em teatro que não é pra gente ficar sem Deus, parece que eu fiquei um pouco melhor agora... a minha palavra é sossegado...” Sua fala denota o alcance da troca grupal, pois, neste caso, o senhor protagonista conseguiu obter uma nova resposta, capaz de possibilitar maior conforto, a partir das influências de outros participantes do grupo. Além disso, evidencia-se a importância da espiritualidade como elemento estruturante em momentos de grandes crises, tais como catástrofes.

São Paulo

Em São Paulo a intervenção do PAHP reuniu material apenas dos adultos. A partir dos relatos disponibilizados para análise, o conceito de catástrofe atribuído pelos

adultos é concreto, evidenciando a situação tal como ela foi vivenciada. Fala-se sobre a cena de primeiro impacto com a realidade da catástrofe e é citada, de forma íntima, a senso-percepção do momento. “Barulho”, “estrondo”, “susto”, “buraco” e “perda dos filhos” são exemplos do que foi atribuído à catástrofe na fase I, do aquecimento específico. Um exemplo: “... fez um bum e fui fazer xixi... não sabia direito o que era aquele barulho... nem acabei de fazer o xixi e o quarto onde estavam meus quatro filhos virou um buraco só... e eu fiquei ali ... parado...” A fala acima explicita a descrição da situação, bem como indica preocupação com os filhos e os parentes no momento inicial de confronto com a situação. Não apenas nessa fala, percebe-se que é enfatizada a intranquilidade em relação aos filhos na situação – “... eu só peguei os três meninos no colo e fui pro outro lado do quintal...” – bem como se faz evidente a desorientação e a paralisação gerada pela violência do ocorrido.

No segundo momento, de dramatização, nas três falas os protagonistas se dirigem aos familiares que morreram. O pedido de perdão se direciona à mãe e aos filhos que não puderam ser salvos. Nota-se um sentimento de culpa e um forte apelo a Deus. Deus tal como apoio espiritual que promove forças e respostas a situações como as de uma catástrofe, nas quais não é fácil de se obter uma justificativa cabível ao sofrimento enfrentado. As falas “... eu tô aqui chorando para dizer adeus a vocês, meus filhos do coração... para pedir perdão que eu não fui capaz de salvar vocês... para pedir a Deus que cuide de vocês por mim... que já são anjos aí no céu...” e “... eu tenho a certeza que vocês vieram aqui nessa vida de guarda... que nem seu pai falou... eu amava vocês e vou amar para sempre a você, Joel, é meu filho que nem os outros... Deus vai vir tomar conta de vocês, e a Virgem Santa vai ser a mãe de todos vocês... eu daria para esta comunidade a fé em Deus, no limite para fazer o bolo da esperança...” são uma forma de exemplificar tal preocupação, culpa e apelo a Deus.

No último momento, já no compartilhar, podemos reconhecer que há uma ressignificação da situação, na medida em que se dizem “leves” após a oportunidade de ser acolhidos pelo grupo e de ter vivenciado a possibilidade de falar sobre o ocorrido: “... só posso agradecer esta chance de desabafar isso tudo ____... tô leve...”.

Maranhão

O adolescente no estado do Maranhão refere-se a “nuvens pretas” quando lhe é solicitado que reflita sobre o que viveu e como se lembra da catástrofe. Assim como foi possível observar na fala dos adolescentes do Rio Janeiro, também no Maranhão faz-se uma descrição do que foi observado concretamente. Em sua fala, o adolescente conceitua a catástrofe da seguinte maneira: “... eu tenho muito medo das nuvens pretas... eu não sabia que nuvens pretas podem trazer tanta desgraça... o meu cachorro morreu por aí, nunca mais eu o vi... e parece que o vô morreu afogado... ele bebia muito e não acordou... vai ver...”. Sua fala denota não só sua descrição concreta do momento, como também uma postura de buscar respostas e explicações para o ocorrido, permeada de incertezas sobre as perdas sofridas.

No momento da dramatização o adolescente traz novamente sua capacidade crítica, quando pondera que nem sempre a chuva é ruim: “... eu sei que não é que a chuva é ruim sempre... vocês, nuvens pretas, são até boas, mas quando vocês exageram, daí é bem ruim... eu quero uma casinha bem pequena, mas só de mim, da minha mãe e meus irmãos... o pai nem precisa ficar, porque é melhor ele sem as pingas dele...”. É claro que, tal como no estado do Rio de Janeiro, os adolescentes do Maranhão também têm a preocupação com o futuro e com a retomada de uma rotina: “quero uma casinha bem pequena, mas só de mim, da minha mãe e meus irmãos”. Nesta fala, percebemos seus projetos para o futuro, mas neste futuro são excluídas determinadas situações que geravam insatisfação, como a postura do pai frente ao álcool.

No último momento, do compartilhar, nota-se que foi possível uma ressignificação da situação: “... eu agora não sinto mais aquele enjoo na barriga e [o] caroço na garganta... muito bom, eu adorei falar de faz de conta com a chuva e com as nuvens... a minha palavra é alegria...”. Ainda de forma muito presente, a descrição das dores emocionais traduzidas por dores físicas do adolescente se faz evidente: “enjoo na barriga” e “caroço na garganta”.

A fala resignada dos adultos do Maranhão, no aquecimento específico, traz conteúdos menos explorados nos outros estados: “... a gente aqui, minha gente tá muito

acostumada a sofrer... de falta de água e de muita água... mas, se Deus quer assim... que fazer, né? Tem que aceitar a vontade de Deus...”. Ou seja, fala-se de uma situação de vida muito precária e da cristalização de uma postura passiva frente a tantas situações de sofrimento, inclusive esta. Isso porque “... o homem desta terra sabe que tem que aguentar o pior de todos os piores...” e espera uma resposta de autoridades governamentais para mudar tal fato: “... vamos ver o que o governo vai fazer pela pobre gente deste Maranhão...”; ou então a responsabilidade é delegada a Deus: “...se Deus quer assim... que fazer, né? Tem que aceitar a vontade de Deus...”. A fala “... a gente é pobre, mas tem Deus com a gente... eu só pensava Nele, que é o nosso salvador... pensava que se Ele achava que eu era merecedor, Ele me salvava... e os meus filhos... e a patroa também...” deixa clara, mais uma vez, a postura de terceirizar a responsabilidade e atribuir a Deus, ou à de outros, o encaminhamento das situações nas quais se encontram.

No início do trabalho com o grupo, o longo do aquecimento, notamos também que o significado atribuído à catástrofe expressa-se de modo concreto; fala-se da água subindo, de lixo e das perdas de entes familiares e materiais como percepções dominantes: “... a água subiu muito depressa dessa vez...”; “... e a água fez tudo em lixo... eu ainda salvei uma televisão, mas ou era os filhos ou era as coisas...”; e “... eu tive uma dor no peito quando soube que minha mãe sumiu nas águas...”. O medo, a impotência e a descrição de dores físicas aparecem em “... eu tive uma dor no peito quando soube que minha mãe sumiu nas águas...” e quando se afirma “meus olhos só procuravam contar se meus seis filhos estavam ali... deu desespero e medo deles afogar, os pequenos entende?”

Na dramatização, os protagonistas trazem cenas nas quais, em sua maioria, descrevem sentimentos de culpa pelos que morreram, de redenção e de apelo a entidades espirituais para dar-lhes “...a luz sobre nós e que vamos lutar pela vida...” Um exemplo é: “... eu peço o perdão de todas as minhas falhas que fiz para minha mãe e que Deus a tenha no céu junto dele e de Nossa Senhora, e que ela me dê forças para aguentar tanta desgraça e tanta falta... que eu consiga criar meus filhos... se Deus quiser...”. Nesta fala podemos observar um esforço de ponte com o futuro.

Podemos notar que há um aspecto resiliente na fala de alguns adultos – “que vamos lutar pela vida...”; em outras palavras, podemos dizer que, apesar de tudo, existe uma atitude voltada para a reconstrução e a retomada da vida. Apresenta-se inclusive um tom crítico e de tomada de na fala dos adultos do Maranhão, nas quais se faz uma acusação clara às autoridades: “... desse governo que só promete... eles estão lá no bem-bom, né? Deveriam ficar aqui, dormindo nessa igreja uma semana, e vendo o que é a verdade... mas eles só aparecem e vão embora bem rapidinho... são ‘cabras’ espertos...”.

A ampliação de respostas estimuladas pelo processo sociodramático aparece na seguinte fala: “... nesse teatro aqui eu pensei: ‘para de ser barata tonta, senão nem bolsa, nem você, nem nada... vai tudo nas água’... eu fiquei bem firme e só queria sair correndo dali e ir para cima do morro...”, evidenciando que o sociodrama é um espaço do faz de conta que permite a experimentação de novas respostas.

O compartilhar evidenciou que o sociodrama ali realizado possibilitou com que surgissem outros modos de pensar a catástrofe, demonstrando com unanimidade uma ressignificação do estado inicial. As palavras “alívio” e “leve” são usadas várias vezes, tal como nas frases “... eu sinto o meu peito mais leve, e a minha palavra agora chama-se alívio...” e “... foi bom, né, gente? A gente conversar assim, foi diferente... esse negócio de procurar as forças da gente... que você falou... de dentro... é bom, né? Eu tô me sentindo mais leve... é bom, né?”

Observamos no compartilhar a importância do espaço grupal e de escuta oferecido pelo sociodrama: “... desabafar juntos é muito melhor, e eu chorei aqui muito porque antes eu estava seca de lágrimas, de tanto susto que a gente viveu aqui... a minha palavra é obrigada a Deus que mandou vocês aqui para consolar a gente...”; “... a gente aqui diz que bom não chora, e que tem que aguentar tudo calado... mas é muito bom poder falar assim e lembrar que a gente tem forças por dentro de si... mais do que imaginava... a minha palavra hoje é paz...”; entre outros exemplos.

Santa Catarina

A criança traz em seu discurso um pensamento concreto simbolizado pela “lama”, pelo “medo” e por “tudo arreventado”, como se faz claro na seguinte fala: “... eu não entendi nada... só via meu pai me puxando pelo braço e dizia para não parar... para eu segurar com força nele... eu só tive medo na hora que chegou do outro lado da ponte e eu vi tudo arreventado... cheio de lama...”.

No momento da dramatização, a criança traz a cena do aquecimento, na vivência do momento em que estava sendo salva, quando se torna capaz de superar parte do medo e da insegurança e de se colocar mais calma junto ao pai, para que sejam salvos. Isso mostra a habilidade da criança em ressignificar um momento de medo e acreditar que ele pode ser vivido de outra forma, bem como se mostra capaz de confiar nos adultos de forma resiliente: “... pai, eu vou ter cuidado e a gente vai sair da água... não fica nervoso... a gente vai sair, sim...”.

Num terceiro momento, no compartilhar, a criança concentra-se em retomar sua rotina, em reconstruir sua vida e levá-la adiante: “... só quero ter a escola, ver quais vão ser os amigos... a professora nem morreu... só a filha dela... coitada...”. De qualquer modo, é feita uma ponte com o futuro a partir de planos que envolve a reorganização de sua vida de maneira prática e concreta.

Por sua vez, os adolescentes em Santa Catarina atribuem conceitos à catástrofe que são ainda bastante ligados a elementos concretos da experiência do momento do resgate, tal como observado na maior parte dos depoimentos: “lama” e “sangue velho”. As seguintes falas servem como exemplo: “... estava escuro e o pai falou pra eu pegar a avó Tica e puxar ela pelo braço... mas veio a onda de lama lá de cima e eu nem vi ela indo embora... nunca mais eu vi a avó Tica...”; “... a lama tinha uma cor escura que lembrava sangue velho... e eu não sabia o que estava acontecendo... deu uma disparada no coração, as pernas tremeram e eu fiquei com medo de não conseguir andar e correr para fugir dali...”; entre outras. A partir destas falas podemos afirmar que a descrição também se dá por meio das emoções e pelas reações corporais, sentidas nos momentos mais críticos: “... e eu não sabia o que estava acontecendo... deu uma disparada no coração, as pernas tremeram e eu fiquei com medo de não conseguir andar e correr para fugir dali...”. A impotência e o medo também marcam as falas dos adolescentes no aquecimento específico.

Quando solicitados a escolher uma cena representativa da catástrofe, os adolescentes fazem um recorte no qual se percebe culpa, reparação e ressignificação da cena enunciada no aquecimento: “... vovó Tica... se você me escuta daí do céu, me perdoa... eu não consegui salvar você... não vi a lama te puxar... você sabe que eu te adorei sempre...” e “... se eu pensar nas forças de dentro, vem o desejo de proteger a minha mãe e meus irmãos... e eu tenho que ficar vivo para ajudar... eu quero ficar vivo... tô sentindo uma energia... é um calor por dentro... eu vou ficar vivo, sim... ô, se vou!”. A fala dos adolescentes aponta para um resgate das próprias forças: “... eu penso que se pensar que eu posso me acalmar, vou ter forças para sair correndo daqui... eu chamo a minha calma e Deus e ajuda...”; porém, diferentemente do que foi observado no estado do Maranhão, o Deus que aparece na fala anterior denota ser um ponto de apoio, que auxilia e favorece para que o próprio adolescente se responsabilize e alcance seus objetivos.

Ainda a dramatização traz cenas que projetam o futuro, nas quais eles estão retomando suas vidas na prática, ou seja, referem-se a seus sonhos de profissão: “... lembro de tudo que quero fazer na minha vida... e do meu sonho de ser aeromoça...”. E no momento final do compartilhar, quando se pergunta como foi estar ali e o que se aprendeu, os adolescentes falam de suas perspectivas para o futuro – entretanto, com um tom de crítica: “... ____ que agora é ter a casa da gente de novo e ter que sair deste inferno aqui... a barra é pesada, tem roubo de roupa, de comida...”.

No compartilhar os adolescentes evidenciam o comprometimento de sua intimidade quando compartilham abrigos, e isso tem reflexos na postura que o adolescente desenvolve, o que não aparece no caso das crianças: “aqui é duro de ficar, todo mundo junto, dorme junto, come junto com estranhos... mas eu agora, depois desse teatro, parece que o meu coração tirou um peso, parece que saiu um nó da minha garganta... eu estou leve...”. Notamos ressonâncias positivas da intervenção quando o jovem afirma sentir “alívio” e de ter conseguido superar o “nó da minha garganta”; “... parece que eu vivi tudo como foi naquela noite do lamaçal... a gente agora sabe que tem forças por dentro que fez a gente ser herói da gente mesmo... olha que os heróis são a galera aí... toda essa galera do abrigo que tá aqui, com vida...”

Os adultos em Santa Catarina atribuem à catástrofe conceitos concretos, tais como “barulho”, “confusão”, “água subindo”. Quando solicitados a falar sobre o que aconteceu e o que se lembravam da catástrofe, foram descritas cenas dos piores momentos: “... o pior momento... o barulho e eu sem entender nada... fiquei paralisada... acordei as crianças e falei que a gente ia morrer e que eu ia direto pro inferno porque eu era má mãe e batia muito neles... eu só via aqueles olhinhos arregalados me olhando...”; e “... a pior hora foi quando a água veio subindo e subindo... eu com dois moleques nas costas e a mulher grudada no meu braço com uma vassoura de bengala, porque ela é muito baixinha... eu via a água vindo e passava o filme da nossa vida na nossa cabeça... eu... eu tinha que escolher... se a água tapasse ela... eu tinha que salvar as crianças... foi a pior cena...” Em tais discursos estão presentes sentimentos de desorientação.

A seguinte fala – “... quando escutei a minha vizinha gritando que o mundo estava acabando... eu até viajei, pensei: ‘será que é um meteoro que caiu na Terra?’ Saí pro quintal e ainda bem, porque em dois segundos o que era quarto da casa virou abismo... meu padrasto foi junto... ele nem deve ter percebido nada que aconteceu, porque ele vivia dopado de bebida... ainda bem que eu e a mãe ficamos fora dessa... me deu pena perder uns amigos... e o meu celular...” – que denota a intranquilidade não só em relação aos parentes e amigos, mas também por perdas materiais.

Em um segundo momento lhes é solicitado escolher uma única cena que seja marcante para ser dramatizada. Nessa fase os adultos trazem nas cenas questões relacionadas à espiritualidade, à união das pessoas como condição facilitadora para se salvar, às forças internas e mensagens de resiliência, e aos planos para o futuro. Por exemplo: “... tenho umas forças por dentro, sim, sou um bom homem e posso conseguir atravessar essa água com minha família... Deus tem que me ajudar, sim... ele sabe que eu preciso da mulher para criar os filhos...”; “... vamos juntar as forças e pensar em Deus... vamos juntos que a gente vai conseguir se salvar...”; e, por fim, “... agora eu lembro que tenho o amor da minha mãe, ela segura a maior onda por causa de nós... e também pensar na minha namorada... ela é linda e deve estar me procurando por aí... outra força que me chegou agora é que eu quero ser alguém na vida... tirar a

família de perto desse bêbado... eu quero que a gente viva em paz e sem gritos de bêbados... isso é a minha força por dentro...”

Nas falas durante a fase de dramatização denotam-se o reconhecimento da importância do respaldo espiritual, mas, não só, evoca-se a família e a rede social como um todo, como elementos fundamentais no momento de reconstrução: “... posso conseguir atravessar essa água com minha família... Deus tem que me ajudar, sim... ele sabe que eu preciso da mulher para criar os filhos...”; “... vamos juntos que a gente vai conseguir se salvar...”; e “... agora eu lembro que tenho o amor da minha mãe, ela segura a maior onda por causa de nós... e também pensar na minha namorada...”

No último momento do sociodrama, o compartilhar, verificamos que ao menos momentaneamente foi alcançado um alívio do estado de sofrimento anteriormente exposto: “... a minha palavra é alívio no coração...” e “... eu agradeço a Deus e a todos que me ajudaram... os bombeiros, os soldados... agora eu falo para dar mais valor à vida e ter paciência...”. Tal como as verbalizações de “alívio”, os agradecimentos por parte dos participantes justifica a importância do acolhimento em situações de catástrofe. Além disso, notamos que há sentimentos de culpa por terem sobrevivido, bem como, contraditoriamente, sentimentos de felicidade pela mesma razão, e que os catarinenses veem o futuro como um caminho para novas oportunidades: “... aqui eu senti umas coisas estranhas: o pavor de morrer... uma certa culpa, sei lá, de ter gostado que a lama levou o padrasto... mas vai ver que assim ele pagou os pecados dele... vai ver... Eu tô feliz de estar vivo e com um certo medo do que vai acontecer com a gente daqui para frente...”.

VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos temas pesquisados pudemos compreender a forma como são significadas as vivências potencialmente traumáticas, e como são atribuídos os sentidos à vida, de forma a percebermos a capacidade das pessoas em elaborar e enfrentar essas vivências. A análise das informações nos permitiu perceber que a forma de atribuição

de significado à vivência de catástrofes que emergiu dos recortes realizados em torno das falas das vítimas acompanha a literatura e valida a intervenção.

Tal como observamos na literatura (KNOBLOCH, 1998), pudemos constatar que o irrepresentável e inominável encontra na abertura do grupo uma oportunidade de ser compartilhado e de se tornar, se possível, representável. Acreditamos que a elaboração de uma situação de ruptura, como de uma catástrofe requer uma dimensão, um tempo e um processo particular e subjetivo. Portanto, não é passível de ser averiguada de modo objetivo e padronizado, uma vez que consideramos que o processo de elaboração se dá diferentemente em cada pessoa, em termos de tempo, comportamento e expressividade.

Entretanto, como foi observado na análise e previamente citado na literatura (MORENO, 1991), o espaço para a expressão e acolhimento oferecido no trabalho em grupo permite validar outras percepções do fato vivido. Dessa forma, podemos dizer que o trabalho em grupo favorece a integração daquela vivência, ou seja, o processo de tornar representável uma experiência da ordem do insuportável.

Sintomas de ansiedade e de medo da morte, expressos por meio de sintomas físicos, sentimentos de culpa e busca de justificativa racional e cognitiva para explicar o evento, são descritos na teoria e constatados com a análise feita no presente trabalho (SLAIKEU, 1990). Bem como foi observado na literatura que discute intervenções em situações de catástrofe, pudemos constatar que a intervenção do PAHP, por meio dos sociodramas, promoveu uma sensação de bem-estar e abertura para o futuro.

A espiritualidade está presente de maneira significativa, referida pelas pessoas como apoio, em todos os quatro estados. Consideramos que, tal como já havíamos observado na revisão bibliográfica (KNOBLOCH, 1998) e (SLAIKEU, 1990), situações de catástrofe natural são momentos vivenciados com muita dor, impotência e sensações de irrealidade. Nessas situações há uma consciência da perda de controle, um sentimento extremo de vulnerabilidade, atemporalidade e instabilidade, nos quais a segurança e as certezas parecem se esvaír.

Independentemente da fase do ciclo vital, a espiritualidade se apresenta como apoio para a reconstrução de um sentido na vida. Apesar de os participantes terem sido

vítimas de diferentes tipos de catástrofe, foi possível notar essas características em todos os quatro estados. Em outras palavras, Deus é tido como um recurso que oferece um sentido, uma maneira de alcançar algum tipo de calma e justificativa ao que foi vivido. (SLAIKEU, 1990)

No entanto, a figura de apoio e sustentabilidade representada por Deus aparece, nesse momento de angústia, com diferentes facetas. Uma delas, observada com frequência nos estados da região Sul e Sudeste do Brasil (tanto nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro como em Santa Catarina), refere-se a um Deus bondoso e poderoso, algumas vezes incompreensível – já que a tragédia provocou tanta tristeza –, figura que dá suporte e auxilia para que as pessoas sejam capazes de reconstruir confiança e estrutura em si e no mundo. Consideramos esse perfil de Deus evocado nos sociodramas uma figura essencialmente promotora de resiliência.

No estado do Maranhão, por sua vez, a figura religiosa oferece conforto na forma de resignação. Nas falas analisadas, a postura de Deus é pontuada para além daquele que dá suporte emocional e promove um sentido ao acontecimento; Ele é colocado como figura justiceira, que escolhe e decide os destinos, como se a população não pudesse espontaneamente se responsabilizar por suas escolhas. Por conseguinte, consideramos que, diferentemente dos outros estados, no Maranhão há certa resignação frente à situação.

Os participantes em geral atribuem à perda de parentes, amigos e professores um grande sofrimento que se expressa juntamente com a culpa, a impaciência, o medo e a revolta, questões levantadas em todos os quatro estados analisados. Sem exceção, pudemos observar o profundo impacto gerado por essas perdas, independentemente das idades.

Entretanto, observamos que a partir do processo sociodramático o grupo experienciou um resgate de suas forças internas o que permitiu a ampliação de consciência no sentido de projeções para o futuro. (ZAMPIERI, 1996)

Considerando o ato sociodramático um processo contínuo de abertura para novas perspectivas, podemos supor que há alterações significativas no modo pelo qual os participantes se expressam, no início e no fim do ato. No aquecimento, momento no

qual os participantes estão passando para o contexto dramático, notamos que as falas se encontram focadas ainda nas cenas vividas concretamente, expressas por descrições dos episódios e de sensações físicas; sensações que são expressão direta da angústia, do medo e da sensação de irrealidade.

Ao longo do sociodrama os participantes vão tendo uma experiência diferenciada, que os faz entrar em contato com tais angústias. Nesse momento é trazida à tona a culpa por ter sobrevivido ou figuras culpabilizadas assim como a figura de Deus, que ajuda a compreender o incompreensível. Além disso, no espaço grupal vai se constituindo uma rede social de amparo e escuta, capaz de favorecer práticas resilientes.

O palco sociodramático se presta a ser, tal como se observa na teoria moreniana, um local onde a fantasia se torna realidade e a realidade, fantasia; neste momento os participantes aproveitam para expressar seus afetos pelos que morreram, como também experimentar um possível projeto de futuro.

Ao final do ato, o grupo fala em um tom mais esperançoso e crédulo na vida. Agradecem ao espaço e a todos que ofereceram ajuda em geral – os bombeiros, por exemplo –, validando a importância de um acolhimento prático e emocional em uma situação como essa. Notamos que aqueles que, de alguma forma, punham em dúvida e criticavam Deus, puderam resgatá-lo como figura de apoio e, dessa forma, compuseram uma linha de sentido na continuidade.

Observamos que algumas das falas expressam certo sentimento de revolta e de raiva. Pudemos supor a partir da pesquisa aqui realizada, que esses sentimentos estão ligados à falta de justificativa pelo que aconteceu. Ou seja, culpar a si mesmo, ao outro, a Deus, podem ser maneiras de atribuir uma explicação e de formular uma representação pela perda de pessoas queridas e de bens materiais.

Uma consideração relevante que pode ser feita a partir desses sentimentos de revolta e alívio é a de que eles indicam o caráter mobilizador proposto pelo método sociodramático. O sociodrama não intenta resolver os problemas, nem necessariamente oferecer um sentimento de alívio, no sentido de livrar-se de algo; a finalidade é

proporcionar um espaço para que se possa criar novas significações e novos olhares, concomitantemente favorecendo uma união e autossustentação grupal.

Nesse sentido, mesmo que na maioria das falas tenha se expressado sentimentos de “alívio”, “estar leve” e de “bem-estar”, também consideramos as falas com tom de revolta significativas e mobilizadoras, na medida em que lhes foi oferecido um meio de expressão e de confronto com questões relevantes social e individualmente.

Compreendemos, então, que a tristeza, a dor e o sofrimento são esperados numa vivência traumática como essa, e de maneira alguma elas devem ser negadas e/ou reprimidas. Porém, acreditamos que são de suma importância oportunidades a proposta de um espaço grupal para favorecer a ressignificação. Estes espaços servem como catalisadores, não só no acolhimento de dores intensas, mas por oferecerem a possibilidade de elaboração e a retomada de sentido nas relações e na vida; da mesma forma que também são importantes para promover a união e a solidificação das redes sociais que podem, futuramente, possibilitar uma autossustentação.

A construção das falas no processo sociodramático, em todas as regiões, nos ilustrou o sofrimento vivenciado pelas vítimas, e evidenciou a importância de legitimarmos a dor desse momento. Portanto, compreendemos que é necessário oferecer um espaço promotor de escuta antes de nos propormos a oferecer um espaço que privilegie a reparação.

Acredito que respeitar o tempo e esse momento de sofrimento, privilegiando não só a escuta e expressão grupal, mas também a capacitação da equipe de suporte local, seja um meio possível para uma tentativa da elaboração do luto, que só mais adiante, após ter sido vivenciado e, na medida do possível elaborado, poderá ser trabalhado num sentido de reconstrução. A partir de considerações como estas, acredito ser de suma importância a preocupação com o *follow-up* das intervenções realizadas. Elas promovem reflexões sobre a efetividade e a durabilidade dos benefícios de trabalhos de ajuda humanitária como o PAHP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARTIGAS, Lucina. M. A. e JANERO, Ignacio. El Abrazo de La Mariposa. *Revista de Psicotrauma*, Asociación Mexicana para Ayuda Mental em Crisis. Cidade do México, v. IV, n. 1, p. 22 – 30, março. 2005.

BIEBER, Linda M. D. e YEHUDA, Rachel. Reevaluación de La relación entre desastre y patologia. *Revista de Psicotrauma*, v. IV, n. 2, p.5 – Junio. 2005.

CAVALCANTI , Ana Lúcia et al. *Educação sexual preventiva para famílias e educadores*. Goiás: Pontificia Universidade Católica de Goiás, 2010.

CRUZ, Helena Maffei. Da linguística à política: o giro de Michael White. *Nova Perspectiva Sistêmica*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 76-84, 2008.

FRANCO, Maria Helena Pereira. *Atendimento psicológico para emergências em aviação: a teoria revista na prática*. Psicologia, São Paulo, v.10, n.2, p. 177 – 180, 2005.

HARTUNG, John. *Psicologia Energética e EMDR : uma parceria para a cura emocional*. Brasília: Nova Temática, 2008.

KNOBLOCH, Felícia. Pensando a crise. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, v. VIII, n. 74, p. 44-49, 1995.

KNOBLOCH, Felícia. *O tempo traumático*. São Paulo: EDUC, 1998.

KUBLIKOWSKI, Ida; MACEDO, Rosa. M. S.; BERTHOUD, C. M. E. *Valores Positivos e Desenvolvimento do Adolescente: uma perspectiva dos pais*. Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 38 – 52, 2006.

KUBLIKOWSKI, Ida. A meia idade feminina em seus significados: o olhar da complexidade. Doutorado em psicologia clínica. São Paulo, 2001. P. 253.

MORENO, Jacob L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1991.

_____, *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 2009.

MARCELINO, E. V.; NUNES L. H.; KOBAYAMA, M. *Banco de dados de desastres naturais: uma análise de dados globais e regionais*. Uberlândia, v.6, n.19, p. 130 – 149, 2006.2

NETO, M.R.L. e ELKIS, H. *Psiquiatria Básica*. Porto Alegre: Artmed, 2007 .

RESENDE, S. R. E GASTALDO, D. Promoção à saúde e empoderamento: uma reflexão a partir das perspectivas crítico-social pós-estruturalista. *Ciência e Saúde Coletiva*, Temas livres. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 2029 – 2040, 2007.

SHAPIRO, Francine. & FORREST, Margot. *EMDR* uma terapia revolucionaria para superar la ansiedad, el estrés y los traumas. Barcelona: Kairós, 2008.

SLAIKEU, Karl A. *Intervención en crisis* – Manual para práctica e investigación. Cidade do México: Manual Moderno: 1990.

THOMÉ, José. *A dinâmica da catástrofe*. Jornal de Psiquiatria Hoje. São Paulo, 2009. Disponível no site: <<http://www.josethome.med.br/JoseTHOME/thomewpress/?p=3>> . Acesso em: 29 de maio. 2010.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. 2011 Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rosa_de_Hiroshima> Acesso em: 17 Jan. 2011.

YUNES, Maria Angela Mattar. Psicologia Positiva e resiliência: foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*. Maringá, v.8, num. esp., p. 75-79, 2003.

ZAMPIERI, Ana Maria F. *Sociodramas Construtivistas da AIDS*. São Paulo: Psy, 1996.

APÊNDICE I

Recortes das falas do Sociodramas Construtivistas de Catástrofes, realizados entre 2008 e 2010:

ESTADO	FALAS			
	Fase Aquecimento Específico		Fase da Dramatização	Fase do Compartilhar
Rio de Janeiro (Sudeste)	Criança	“... eu vi a terra com aquele cheiro ruim entrando na minha boca e nos meus olhos e não sabia o que era... não dava pra gritar nem nada... eu desmaiei e acordei no hospital... fiquei soterrada e os bombeiros com uns moços me tiraram...” Marina, 10 anos	“... eu tenho que arrumar o meu baço e a perna e vou voltar para a escola... o que eu quero é ser professora como vocês e ajudar as pessoas a serem mais felizes... e quero nunca me casar porque os pais fazem coisas feias e eles nem ligam para nós... eu quero ser feliz com a minha mãe e meus irmãos... e quero também ser bombeira e ter uniforme... e ajudar as pessoas...”. Marina, 10 anos	“... vocês sabem que esse teatro aqui que a gente fez juntos é muito bom para ajudar a gente daqui, deste batalhão... e a gente chorou e falou coisas bem sérias, né? Eu ainda acredito em Deus, sim... ele é bom, mas é que a natureza ficou brava porque a chuva veio e ____ o lixo... é muito melhor morar no chão que no lixo... a minha palavra é alívio...”. Marina, 10 anos
	Adolescente	“... a pior hora foi quando eu olhei para a mesa e vi só a minha filha embaixo e a minha irmãzinha de 9 anos já tinha sido comida pela terra... e não deu pra salvar...” Silvana, 23 anos “... morreu gente demais, mas a pior coisa foi não ter mais a escola e a professora e os meus colegas que o lixo puxou para baixo... eu quero a minha vida ____ de novo...” Jurandir, 15 anos	“... seu prefeito tenha uma vergonha nessa cara de safado... agora não adianta ficar aí triste e escondido... vocês deixaram um bando de ignorante fazer uma cidade em cima do lixo... quero que você vai se ferrar e que nunca mais esqueça aquelas escavadeiras que puxavam lama, misturada com bichos, misturada com gente morta... eu quero que você fique até louco de não conseguir nunca mais dormir e que os meus amigos mortos no meio do lixo gritem na tua orelha pro resto da vida que você é um ladrão safado que nunca esta vivo...”. Jurandir, 15 anos	“... obrigada gente, mas tem que falar para imprensa aí que o problema não acabou, não dá pra deixar a gente aqui no abandono não... é pra vir sempre aqui e escutar a gente... a palavra é meio alívio meio revolta...” Jurandir, 15 anos
	Adulto		“... querida irmãzinha... que Deus te proteja aí no céu, ele sabe que você é um anjo... e desculpa eu não poder te salvar... eu não consegui... mas eu vou ter você de anjo da guarda para proteger eu e meus filhinhos... me perdoa por favor... espero de todo coração que você não tenha sofrido demais para morrer afundada naquele lixo... me perdoa... um dia a gente se encontra, se Deus quiser, mas eu preciso agora de forças para	“... eu sinto um grande alívio e percebo que muita gente aqui gosta de mim... a minha palavra é leve...” Silvana, 23 anos

			criar os meus filhos... me perdoa..." Silvana, 23 anos	
	Idoso	"... foi ver um buraco gigante entre os dois buracos do meio... não dá pra acreditar que eu tô vivo aqui..." Fábio, 68 anos	"... eu quero falar com Deus que é tão bondoso mas que deixou um monte de famílias morrerem ____... isso foi demais para meus 68 anos... foi a pior coisa, meu Deus! Se Deus existe não pode deixar acontecer uma coisa dessas com gente tão inocente e boa... eu acho que Deus não pode existir desse jeito..." Fábio, 68 anos	"... eu aprendi com uma criança aqui hoje em teatro que não é pra gente ficar sem Deus, parece que eu fiquei um pouco melhor agora... a minha palavra é sossegado..." Fábio, 68 anos
	Adulto	"... fez um bum e fui para o banheiro fazer xixi... não sabia direito o que era aquele barulho... nem acabei de fazer o xixi e o quarto onde estavam meus 4 filhos virou um buraco só... e eu fiquei ali... parado..." Miguel, 39 anos "... ele acordou e eu fui fazer o café... pus água no fogo... daí o quarto deu um estrondo... e ele sumiu num buraco gigante... meus filhos... meu ____... foram os quatro pro buraco, não deu para nem salvar alma nenhuma..." Cecília, nome fictício, 41 anos "... eu só peguei os três meninos no colo e fui pro outro lado do quintal... só deu tempo só para isso... nem instante veio a casa, veio tudo para baixo... foi Deus que me iluminou a mente que de tão rápido eu catei os meninos e sai dali..." Henrique, 33 anos	"... eu to aqui chorando pra dizer adeus para vocês, meus filhos de coração... para pedir perdão que eu não fui capaz de salvar vocês... para pedir para Deus que cuide de vocês por mim... que já são anjos aí no céu..." Miguel, nome fictício, 39 anos "... eu tenho a certeza que vocês vieram aqui nessa vida de guarda... que nem seu pai falou... eu amava vocês e vou amar para sempre a você Joel, é meu filho que nem os outros... Deus vai vir toma conta de vocês e a viagem santa vai ser a mãe de todos vocês... eu daria para esta comunidade a fé em Deus, no limite para fazer o bolo da esperança..." Cecília, nome fictício, 71 anos "... eu vou só lembrar agora de minha mãe que me vi criou e tá lá no norte... ela deve ter rezado para minha proteção e a dos filhos, da minha família... oi mainha: eu to aqui e te peço perdão pelos desgostos que te dei e muito obrigada por eu ter força de eu salvar meus filhos..." Henrique, 33 anos	"... só posso agradecer esta chance de desabafar isso tudo ____... to leve..." Miguel, nome fictício, 39 anos
São Paulo (Sudeste)	Criança			
	Adolescente			
	Idoso			
	Criança			

Maranhão (Nordeste)	Adolescente	“... eu tenho muito medo das nuvens pretas... eu não sabia que nuvens pretas podem trazer tanta desgraça... o meu cachorro morreu por aí, nunca mais eu o vi... e parece que o vô morreu afogado... ele bebia muito e não acordou... vai ver...” . Célia, 13 anos	“... eu sei que não é que a chuva é ruim sempre... vocês, nuvens pretas, são até boas, mas quando vocês exageram, daí é bem ruim... eu quero uma casinha bem pequena, mas só de mim, da minha mãe e meus irmãos... o pai nem precisa ficar porque é melhor ele sem as pingas dele...” . Célia, 13 anos	“... eu agora não sinto mais aquele enjoo na barriga e carço na garganta... muito bom, eu adorei falar de faz de conta com a chuva e com as nuvens... a minha palavra é alegria...” . Cecília, 13 anos
	Adulto	“... o mais duro de tudo isso é que a gente ficou um bocado de dias sem poder saber quais parentes estavam vivos, quais estavam mortos... eu tive uma dor no peito quando soube que minha mãe sumiu nas águas... e eu não pude fazer nada por ela...” . Josefa, 29 anos “... a gente aqui, minha gente tá muito acostumada a sofrer... de falta de água e de muita água... mas, se Deus quer assim... que fazer, né? Tem que aceitar a vontade de Deus...” .Cida, 58 anos “... o homem desta terra sabe que tem que aguentar o pior de todos os piores que é ver a própria família passando fome... e quando a gente conseguiu comprar umas coisinhas melhores... eu ainda estava pagando as prestações... e a água fez tudo em lixo... eu ainda salvei uma televisão, mas ou era os filhos ou era as coisas... agora vamos ver o que o governo vai fazer pela pobre gente deste Maranhão... vamos ver...” .Nelson, 43 anos “... eu não consegui acreditar no que eu estava vendo... a água subiu muito depressa dessa vez... a gente não teve nem tempo de botar umas coisas no telhado... meus olhos só procuravam contar se meus seis filhos estavam ali... deu desespero e medo deles afogar, os pequenos entende? ...” . Dulce Neide, 39 anos “... deu um troço em mim, eu saía para fugir, buscava uma vida dentro do cômodo, saía	“... eu peço o perdão de todas as minhas falhas que fiz para minha mãe e que Deus a tenha no céu junto dele e de Nossa Senhora e que ela me dê forças para aguentar tanta desgraça e tanta falta... que eu consiga criar meus filhos... se Deus quiser...” . Josefa, 29 anos “... eu __ que os mortos... coitados... eu tenho pena de vocês, criancinha e anjinhos do céu, inocentinhos que já foram para os braços de Jesus... peçam a eles a luz sobre nós e que vamos lutar pela vida...” . Cida, 28 anos “... eu olho para você céu e peço o sol para a gente ter comida boa numa terra... e agradeço a Deus ter meus filhos vivos... e vou esperar mais de Deus e de vocês, minha gente, do que desse governo que só promete... eles estão lá no bem bom, né? Deveriam ficar aqui, dormindo nessa igreja uma semana, e vendo o que é a verdade... mas eles só aparecem e vão embora bem rapidinho... são ‘cabra’ espertos...” . Nelson, 43 anos “... eu vou chamando os nomes deles, cada um: Pedro, Toinho, Wellington, Thiago, Marcinha, Belinha... eu escuto: ‘tô aqui mainha’... – choro de alegria, a gente chegou tudo no telhado... uma mãe que salva os filhos não quer mais nada da vida... tá muito bom... o resto, a gente já tá acostumado a enfrentar, nessa terra veia de Deus...” . Dulce Neide, nome fictício, 39 anos “... nesse teatro aqui eu pensei: para de ser barata tonta senão nem bolsa, nem você, nem nada... vai tudo nas águas... eu fiquei bem firme e só queria sair correndo dali e ir para cima do morro...” .Lea, 45 anos “... eu pareço que escutei a voz de Jesus dizendo: ‘sai daí meu filho, sai daí...’ eu fui atrás da patroa e dos filhos... cheio de alegria... até senti uma coisa aqui no peito... de bom... porque Jesus me achou merecedor de sair daquela água matadora...” . Zeca, 47	“... eu sinto o meu peito mais leve, e a minha palavra agora chama-se alívio...” . Josefa, 29 anos “... desabafar juntos é muito melhor e eu chorei aqui muito porque antes eu estava seca de lágrimas, de tanto susto que a gente viveu aqui... a minha palavra é obrigada a Deus que mandou vocês aqui para consolar a gente...” . Cida, 58 anos “... a gente aqui diz que bom não chora e que tem que aguentar tudo calado... mas é muito bom poder falar assim e lembrar que a gente tem forças por dentro de si... mais do que imaginava... a minha palavra hoje é paz...” .Nelson, 43 anos “... foi bom, né, gente? A gente conversar assim foi diferente... esse negócio de procurar as forças da gente... que você falou... de dentro... é bom, né? Eu to me sentindo mais leve... é bom, né?” Dulce Neide, nome fictício, 39 anos “... de tão triste foi até engraçado... eu sei que sou meio barata tonta de nascença mesmo... mas é bom deixar de ser assim na hora do aperto, né? Eu gostei de ser mais inteligente aí, no teatro... (ri) Obrigada! De coração, obrigada!” . Lea, nome

		para fugir, voltava e pegava a bolsa... parecia muitas horas... não acabava nunca aquilo... eu ia e vinha para fora... eu tava zonzinha...". Lea, 45 anos "... a gente é pobre mas tem Deus com a gente... eu só pensava nele que é o nosso salvador... pensava que se ele achava que eu era merecedor, ele me salvava... e os meus filhos... e a patroa também...". Zeca, 47 anos	anos	fictício, 45 anos "... nós nunca conversou tudo junto aqui, essa coisa do dilúvio que aconteceu aqui... eu gostei de escutar os outros homens daqui também... e acho que Jesus fez isso tudo pra gente se unir mais... pra gente dar mais valor à vida... nós fomos os escolhidos dele para sofrer e se salva...". Zeca, 47 anos
	Idoso			
Santa Catarina (Sul)	Criança	"... eu não entendi nada... só via meu pai me puxando pelo braço e dizia para não parar... para eu segurar com força nele... eu só tive medo na hora que chegou do outro lado da ponte e eu vi tudo arrebitado... cheio de lama...". Pedro, 10 anos	"... pai eu vou ter cuidado e a gente vai sair da água... não fica nervoso... a gente vai sair sim...". Pedro, 10 anos	"... só quero ter a escola, ver quais vão ser os amigos... a professora nem morreu... só a filha dela... coitada...". Pedro, 10 anos
	Adolescente	"... estava escuro e o pai falou pra eu pegar a avó Tica e puxar ela pelo braço... mas veio a onda de lama lá de cima e eu nem vi ela indo embora... nunca mais eu vi a avó Tica...". Jorge, 15 anos "... a lama tinha uma cor escura que lembrava sangue velho... e eu não sabia o que estava acontecendo... deu uma disparada no coração, as pernas tremeram e eu fiquei com medo de não conseguir andar e correr para fugir dali...". Débora, 16 anos "... eu achei que era assim um tipo de terremoto... depois vi que era a lama que descia e levava as casas e as pessoas... eu lembrei de tudo que aconteceu na minha vida... sabe como um filme? ... lembrei de filmes da TV, um que pessoas ficaram presas dentro de um túmulo e subia água e os ratos... eu pensei que eu ia morrer boiando naquela lama toda... achei a maior injustiça eu ter que morrer tão cedo...	"... vovó Tica... se você me escuta daí do céu, me perdoa... eu não consegui salvar você... não vi a lama te puxar... você sabe que eu te adorei sempre...". Jorge, 15 anos "... eu penso que se pensar que eu posso me acalmar, vou ter forças para sair correndo daqui... eu chamo a minha calma e Deus e ajuda... lembro de tudo que quero fazer na minha vida... e do meu sonho de ser aeromoça... eu ponho forças nas pernas e agora eu começo a correr... cada vez mais forte... vou correndo e a lama não me alcança mais... só sinto o cheiro dela atrás de mim... mas eu corro e corro...". Débora, 16 anos "... se eu pensar nas forças de dentro, vem o desejo de proteger a minha mãe e meus irmãos... e eu tenho que ficar vivo para ajudar... eu quero ficar vivo... to sentindo uma energia... é um calor por dentro... eu vou ficar vivo sim... ô se vou!!". João, 17 anos	"... ____ que agora é ter a casa da gente de novo e ter que sair deste inferno aqui... a barra é pesada, tem roubo de roupa, de comida...". Jorge, 15 anos "aqui é duro de ficar, todo mundo junto, dorme junto, come junto com estranhos... mas eu agora, depois desse teatro.. parece que o meu coração tirou um peso, parece que saiu um nó da minha garganta... eu estou leve...". Débora, 16 anos "... parece que eu vivi tudo como foi naquela noite do lamaçal... a gente agora sabe que tem forças por dentro que fez a gente ser herói da gente mesmo... olha que os heróis são a galera aí... toda essa galera do abrigo que tá aqui, com vida...". João, 17 anos

		tive medo misturado com muita raiva...”. João, 17 anos		
	Adulto	“... o pior momento... o barulho e eu sem entender nada... fiquei paralisada... acordei as crianças e falei que a gente ia morrer e que eu ia direto pro inferno porque eu era má mãe e batia muito neles... eu só via aqueles olhinhos arregalados me olhando...”. Maria, 32 anos “... a pior hora foi quando a água veio subindo e subindo... eu com dois moleques nas costas e a mulher grudada no meu braço e com uma vassoura de bengala porque ela é muito baixinha... eu via a água vindo e passava o filme da nossa vida na nossa cabeça... eu... eu tinha que escolher...se a água tapasse ela... eu tinha que salvar as crianças... foi a pior cena...” Mauro, 36 anos “... quando escutei a minha vizinha gritando que o mundo estava acabando... eu até viajei, pensei: será que é um meteoro que caiu na Terra? Sai pro quintal e ainda bem porque em dois segundos o que era quarto da casa virou abismo... meu padrasto foi junto... ele nem deve ter percebido nada que aconteceu porque ele vivia dopado de bebida... ainda bem que eu e a mãe ficamos fora dessa... me deu pena perder uns amigos... e o meu celular...” Jaime, 18 anos.	“... vamos juntar as forças e pensar em Deus... vamos juntos que a gente vai conseguir se salva...”. Maria, 32 anos “... tenho umas forças por dentro sim, sou um bom homem e posso consegui atravessar essa água com minha família... Deus tem que me ajudar sim... ele sabe que eu preciso da mulher para criar os filhos... não vou escolher quem vai viver e nem quem vai morrer... eu sei que tenho forças para aguentar... eu falo: olha filhos... vê se aparecem golfinhos e pinguins e avisa o pai... Maria... olha pra frente e segura firme na vassoura... a gente vai sair daqui...”. Mauro, 36 anos “... agora eu lembro que tenho o amor da minha mãe, ela segura a maior onda por causa de nós... e também pensar na minha namorada... ela é linda e deve estar me procurando por aí... outra força que me chegou agora é que eu quero ser alguém na vida... tirar a família de perto desse bêbado... eu quero que a gente viva em paz e sem gritos de bêbados... isso é a minha força por dentro...” Jaime, 18 anos	“... a minha palavra é alívio no coração... a gente passou muita dificuldade e vai poder ter a família... a gente tá vivo e isso é o mais importante...” Maria, 32 anos “... eu agradeço a Deus e a todos que me ajudaram... os banheiros... os soldados... agora eu falo para dar mais valor à vida e ter paciência...” Mauro, 36 anos “... aqui eu senti umas coisas estranhas: o pavor de morrer... uma certa culpa, sei lá, de ter gostado que a lama levou o padrasto... mas vai ver que assim ele pagou os pecados dele... vai ver... Eu to feliz de estar vivo e com um certo medo do que vai acontecer com a gente daqui para frente...” Jaime, 18 anos
	Idoso			

ANEXO I

SOCIODRAMA CONSTRUTIVISTA DE CATÁSTROFES.

Prof.^a Dra. Ana Maria Fonseca Zampieri

FASE 1 : AQUECIMENTO INESPECÍFICO
ABERTURA / APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA, DA EQUIPE E DO MÉTODO SOCIODRAMA CONSTRUTIVISTA.
CAMINHEM LENTAMENTE POR UM LUGAR IMAGINÁRIO, QUE TRAGA PAZ, TRANQUILIDADE E SEGURANÇA.
PENSEM NOS DETALHES DESSE LUGAR.
IMAGINEM AS CORES PREDOMINANTES, OS CHEIROS, A TEMPERATURA E A LUMINOSIDADE DESSE LUGAR TRANQUILO.
IMAGINEM-SE NESSE LUGAR E TENTEM DESCOBRIR AS SENSações POSITIVAS QUE ELE LHEs TRAZ.
FIQUEM NESSE LUGAR E DESCUBRAM QUE Ações POSITIVAS ELE LHEs ESTIMULA A FAZER.
PAREM DE CAMINHAR.
FECHEM OS OLHOS E IMAGINEM-SE NESSE LUGAR TRANQUILO.
RESPIRAÇÃO 4X4X8X4.
RESPIREM PROFUNDAMENTE. INSPIREM CONTANDO MENTALMENTE DE 1 A 4. PRENDAM A RESPIRAÇÃO CONTANDO DE 1 A 4. EXPIREM LENTAMENTE PELA BOCA, CONTANDO MENTALMENTE DE 1 A 8. PRENDAM A RESPIRAÇÃO CONTANDO DE 1 A 4. RESPIREM NORMALMENTE.
FAÇAM ESSE EXERCÍCIO DE RESPIRAÇÃO 4X4X8X4. TRÊS VEZES.
VOLTEM AO LUGAR TRANQUILO E CONSTRUAM: UM NOME PARA ELE.
VOLTEM A CAMINHAR E QUANDO EU TOCAR NOS SEUS OMBROS DIGAM O NOME QUE DERAM PARA ESSE SEU LUGAR TRANQUILO.
VOLTEM A SEUS LUGARES E SENTEM-SE.

<u>FASE 2 : AQUECIMENTO ESPECÍFICO</u>
FECHEM OS OLHOS.
VOLTEM A SEU LUGAR TRANQUILO E FIQUEM NELE.
ENQUANTO ESTÃO AÍ, FAÇAM O ABRAÇO DE BORBOLETA. 🦋
FAÇAM A RESPIRAÇÃO 4X4X8X4.
EM UMA PALAVRA DOS SEUS CORAÇÕES DIGAM COMO SE SENTEM NESTE MOMENTO.
AGORA VOLTEM A PENSAR NO SEU ATUAL MOMENTO DE VIDA APÓS A CATÁSTROFE OCORRIDA NO MARANHÃO
PENSEM NAS LIÇÕES POSITIVAS APRENDIDAS NESTES MESES.
ESCOLHAM A LIÇÃO POSITIVA APRENDIDA QUE VOCÊS CONSIDEREM A MAIS IMPORTANTE DE TODAS.
PARA ESSA LIÇÃO POSITIVA ESCOLHAM: UMA COR, UM CHEIRO, UMA TEMPERATURA, UM NOME, UM PENSAMENTO POSITIVO E UM SENTIMENTO POSITIVO.
FAÇAM O ABRAÇO DE BORBOLETA. 🦋
TIREM, MENTALMENTE, UMA FOTOGRAFIA DESSA LIÇÃO POSITIVA ESCOLHIDA.
AGORA ABRAM OS OLHOS E PROCUREM UMA PESSOA PARA COMPARTILHAR E DESCREVER ESSA FOTOGRAFIA DA SUA LIÇÃO POSITIVA APRENDIDA NA CATÁSTROFE BO MARANHÃO.
APÓS UNS 15 MINUTOS.
CADA DUPLA VAI CONVIDAR MAIS “X” DUPLAS ATÉ FORMAR SUBGRUPOS DE “X” DUPLAS (O X SERÁ DE ACORDO COM O TAMANHO DO GRUPO, PARA QUE SE FORMEM 3 OU 4 SUBGRUPOS).
COMPARTILHEM NO NOVO GRUPO APENAS: O NOME, O CHEIRO, A COR, A TEMPERATURA, O PENSAMENTO E O SENTIMENTO POSITIVO DE SUAS FOTOGRAFIAS.

FAÇAM MAIS ABRAÇO BORBOLETA. 🦋
FAÇAM RESPIRAÇÃO 4X4X8X4.
ABRAM OS OLHOS, DEEM AS MÃOS NUM GRANDE CÍRCULO.
EM SILÊNCIO OLHEM PARA OS COLEGAS DO GRUPO.

<u>FASE 3: DRAMATIZAÇÃO</u>
- ESCOLHAM A FOTO MAIS SIGNIFICATIVA DESSAS LIÇÕES POSITIVAS APRENDIDAS E DEEM MOVIMENTO, UMA SEQUÊNCIA E DIÁLOGOS.
ENSAIEM, NO MAIOR SILÊNCIO POSSÍVEL, A CENA DESSA FOTOGRAFIA ESCOLHIDA, PARA APRESENTÁ-LA AO GRANDE GRUPO.
ESCOLHAM UMA PEQUENA FRASE, QUE TENHA SUJEITO, VERBO E PREDICADO, ONDE O SUJEITO SEJA O PRONOME: NÓS. UMA MENSAGEM QUE DESCREVA UMA CRENÇA POSITIVA SOBRE A FORÇA DE RECONSTRUÇÃO DE VIDA QUE TODOS VOCÊS POSSUEM JUNTOS.
ENSAIEM ESSA FRASE PARA APRESENTÁ-LA NUM CORAL.
CADA SUBGRUPO APRESENTARÁ A SUA CENA E SUA FRASE.
ESCOLHAM A FRASE MAIS FORTE DE MENSAGEM DE RECONSTRUÇÃO.
ESSA FRASE SERÁ O REFRÃO DO SOCIODRAMA CONSTRUTIVISTA DE RECONSTRUÇÃO.
FARÃO UM GRANDE CÍRCULO, ONDE TODOS POSSAM ALCANÇAR, COM AS MÃOS, OS OMBROS DA PESSOA QUE ESTIVER À SUA FRENTE.
COLOCARÃO AS MÃOS NOS OMBROS DAS PESSOAS À FRENTE E FECHARÃO OS OLHOS.
AO MESMO TEMPO, FARÃO ESTÍMULOS BILATERAIS COM SUAS MÃOS.
REPETIRÃO, MENTALMENTE, DE OLHOS FECHADOS, A FRASE ESCOLHIDA PARA O REFRÃO DO JOGRAL.
CONTINUAM COM OS ESTÍMULOS BILATERAIS.
JOGRAL: REPETEM, AO MESMO TEMPO, A PRIMEIRA FRASE DO GRUPO 1, A FRASE REFRÃO, DEPOIS A FRASE DO GRUPO 2, A FRASE REFRÃO, A FRASE DO GRUPO 3, A FRASE REFRÃO E ASSIM SUCESSIVAMENTE.
REPITAM A FRASE REFRÃO 3 VEZES. 1º SUSSURRANDO, BEM BAIXO. 2º EM TOM DE VOZ NORMAL. 3º EM TOM DE VOZ BEM ALTO, O MAIS ALTO POSSÍVEL.
DE OLHOS FECHADOS, COLOQUEM OS BRAÇOS AO REDOR DOS OMBROS DE VOCÊS, E FAÇAM O ABRAÇO BORBOLETA. 🦋
ASSOCIEM AGORA E DE OLHOS FECHADOS: A FRASE REFRÃO, O ABRAÇO BORBOLETA 🦋 E O LUGAR TRANQUILO.

<u>FASE 4: COMPARTILHAR</u>
CADA UM BUSCA, EM SEU CORAÇÃO, UMA ÚNICA PALAVRA QUE TRADUZA COMO SE SENTE AQUI E AGORA - SOLILÓQUIOS
PODEM COMPARTILHAR, SE DESEJAREM, COMO ESTÃO, COMO VIVERAM ESTA EXPERIÊNCIA DO SOCIODRAMA CONSTRUTIVISTA DA RECONSTRUÇÃO. FALEM A PARTIR DO PRONOME EU.

